

**UMA DEVASSA DO BISPO DOM PEDRO DA SILVA**

**1635 - 1637**

Introdução de  
*Anita Novinski*

THE DIVISION OF BIRD MUSEUMS AND HERBARIUMS

1933 - 1937

Introduction by  
John H. Miller

### Introdução \*

Ao pesquisador que mergulha na documentação manuscrita concernente a determinados períodos de nossa história colonial, propõe-se a reformulação de alguns conceitos emitidos pela tradicional historiografia brasileira, como por exemplo, o fenômeno do colaboracionismo português na invasão holandesa do Brasil, em 1630.

Vários fatores, que agiram simultaneamente, devem ser considerados, despidos de nacionalismo romântico se quisermos compreender os motivos que levaram portugueses e brasileiros, religiosos, letrados, latifundiários e gente do povo, cristãos velhos e cristãos novos, a darem apoio tanto político como religioso aos invasores.

Este fato não pode naturalmente ser entendido como um problema isolado, desprendido da estrutura social e religiosa sob a qual repousava o edifício da sociedade portuguesa no século XVII, e a êle se ligam igualmente fatores de ordem econômica que agiram em primeiro plano. Este problema propõe-se ainda com maior interesse em virtude das idéias divergentes formuladas a respeito.

Antes de tudo, devemos ter em mente a impossibilidade de poder interpretar comportamentos de épocas anteriores à nossa, usando modernos conceitos como “colaboracionismo” ou “traição”. Se podemos falar em uma “atitude” ou “comportamento” que caracterizou em traços largos os primeiros colonizadores, colocados sob o impacto de novas condições, não podemos confundir essa atitude com “consciência nacional”. A massa da população de que era constituída a colônia portuguesa, tinha muito pouca consciência política.

---

(\*) Apresentamos nossos agradecimentos à Fundação Calouste Gulbenkian cuja valiosa cooperação permitiu a realização de nossa pesquisa no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, onde se encontra o documento manuscrito que ora publicamos. Agradecemos também a Maria José Elias pela leitura do documento.

Mesmo os já nascidos no Brasil, não tinham ainda ligação “consciente” com a terra, no sentido atual de “pátria”, nem uma noção clara de nacionalidade, quando a armada holandesa aportou em águas litorâneas do Brasil no ano de 1630. A reação e as posições assumidas pela população de qualidade tão heterogênea, pelos elementos de tôdas as camadas sociais, foram as mais diversas, e a opção se deu de acôrdo com os interesses individuais e imediatos, segundo as influências e opiniões correntes, agindo pelo contágio de um morador sôbre outro. O território brasileiro estava composto de gente que trazia de seu passado uma bagagem variada. O elemento português constituia-se principalmente de gente que não encontrara condições sociais e econômicas favoráveis em sua terra de origem, ou que havia sido obrigada, por questões diversas, a refugiar-se no Brasil. Interesses pessoais e econômicos jogavam a cartada mais forte. Tendo sido a portuguesa uma colonização realizada sem firme planificação, os problemas que surgiam eram resolvidos conforme os recursos disponíveis no momento. Não havia um programa a “longo prazo”, nem uma concentração de esforços num só sentido, nem ideais comuns. Além disso, quando tratamos do período holandês, devemos lembrar que o português fôra condicionado por um longo e profundo antagonismo pelo espanhol, e quando adere ao invasor batavo no Brasil, luta, mesmo que subjetivamente, contra o tradicional inimigo, a Espanha. A religião católica teve certamente papel importantíssimo para a identificação dos portugueses em momentos de crise, porém agiu sôbre o povo português mais num sentido “cultural”, do que eminentemente místico e religioso. Simbolizada na fé católica estavam para os portugueses que viviam na colônia tôda uma escala de valores, a língua, a terra dos antepassados, os costumes, e principalmente a maneira tôda peculiar de exteriorizar a sua religiosidade. Os fatores culturais comuns deram naturalmente força aos portugueses, cristãos velhos ou cristãos novos, para oporem resistência aos holandeses, quando, passados os anos de entusiasmo inicial, o convívio com o estrangeiro demonstrou, na prática, não corresponder às ilusões iniciais dos portugueses. Fervorosos inimigos dos holandeses foram, no início da invasão seus colaboradores, e temos como exemplo os casos significativos do padre Calado e de João Fernandes Vieira. Sem Vieira, diz Boxer, teria sido impossível a rebelião de 1645 e no entanto, foi êle ativo simpatizante dos holandeses, por motivos puramente pessoais,

colaborando na instalação e funcionamento do governo holandês e exercendo a função de conselheiro municipal na cidade de Maurícia (1).

Além dos fatores econômico-sociais que agiam sobre os interesses desses homens, devemos também considerar certos fatores culturais ligados às suas raízes ibéricas que marcaram toda nossa história colonial. Seria interessante, pois, considerando o conteúdo do documento que ora publicamos, voltarmos para o quadro que apresentava Portugal no século XVII, em vésperas da invasão holandesa, tendo em vista cartas e outros escritos que então foram trocados por altas autoridades eclesiásticas, pertencentes ao Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição. Como o Santo Ofício da Inquisição é que se encarregava de fiscalizar as idéias, é nele que se encontram as fontes mais ricas para a compreensão das diversas formas que assumiu o pensamento dissidente em Portugal e nas colônias de ultramar.

Encontramos, assim, os representantes da ortodoxia católica preocupados com um problema que consideravam de extrema gravidade: o aumento da heresia. Às autoridades eclesiásticas traziam os numerosos membros pertencentes à Inquisição notícias as mais diversas sobre a diminuição do fervor religioso entre o povo, o ceticismo demonstrado por este e os diversos casos de apostasia. A Inquisição haviam-se acrescentado, resultantes de seu próprio processo, condições que ela mesma não previa. A justificativa para a sua existência como instituição ativa, — a Heresia — transformara-se ao mesmo tempo em arma contra ela. Pois se de um lado a Inquisição, com seu faustoso aparato e suas centenas de funcionários, necessitava dos herejes para justificar a sua existência, o alastramento do ceticismo e da crítica podiam significar uma ameaça para a sua estrutura. Se considerarmos o número e a qualidade de pessoas que no século XVII saíram nos autos de fé, muitas das quais eram representativas da sociedade portuguesa, como professores de Universidade, médicos, clérigos e pensadores ilustres, poderemos entender que, pouco a pouco, os métodos empregados pelo Santo Ofício trabalharam contra ele próprio. A Universidade de Coimbra havia-se transformado, no dizer de

---

(1) Boxer, (C. R.), *Os Holandeses no Brasil, (1624-1654)*. Ed. Brasileira, Ed. Nacional, São Paulo, 1961, pp. 391 e 394.

seus contemporâneos, num “covil de heréticos” (2). O judaísmo, que a Inquisição, segundo seus líderes e defensores, tentava extirpar, o que é matéria discutível (3), aumentara ainda mais e as chamadas blasfêmias eram pronunciadas em tôdas as camadas sociais, desde a gente mais humilde até autoridades religiosas mais respeitáveis. Quando Felipe IV assumiu a direção dos reinos, os cárceres da Inquisição estavam apinhados. Problema constante com que se deparavam os Inquisidores, nessa época, era a insuficiência que dêles havia, para acomodar tanta gente (4).

Após quase um século de funcionamento do Tribunal da Inquisição em Portugal, os cristãos velhos herejes e os cristãos novos acusados de “judaísantes” haviam, pois, aumentado em número, em vez de diminuir. Os eclesiásticos culpavam aos cristãos novos de todo o mal, pois contagiavam com sua descrença a pureza de espírito dos católicos (5). Criou-se um mito: o “judaísmo”. O que significava êsse “judaísmo”, esvasiado de seu sentido religioso e que colocava tôda uma camada da sociedade portuguesa numa determinada “situação”, trataremos em outro trabalho. O que importa aqui é o fato de que as técnicas empregadas pelo Santo Ofício para deter as heresias e impedir o espírito de livre exame, haviam produzido uma vasta onda de reação no

- 
- (2) Lúcio de Azevedo (João), **História dos Christãos Novos Portugueses**, Livraria Clássica, Ed. Lisboa, 1921, pp. 179.
  - (3) Netanyahu (B), **The Marranos op Spain**, New York, American Academy for Jewish Research, 1966, baseando-se em fontes exclusivamente judaicas mostra que o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição na Espanha não visava extirpar a heresia judaica do grupo cristão novo, mas extirpar o grupo cristão novo da sociedade espanhola.
  - (4) **Cartas que os Senhores Inquisidores Gerais escreverão ao Conselho e Resposta**. Mss. 1365; e **Consultas do Conselho**. Mss. 1364 pp. 78, 91, 106. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.
  - (5) **Remédios para se Atalhar o Judaísmo em Portugal** Mss. F. G. 1532 pp. 373 Reservados. Biblioteca Nacional de Lisboa.

país. Houve espíritos que se mostraram à altura de um bispo Coutinho (6), e expressões de revolta fizeram-se sentir por gente continuamente podada pelo Tribunal (7).

O que se torna curioso e merece ser objeto de maior análise é que, além do elemento numeroso que foi julgado pelas diversas inquisições — os portugueses de origem judaica, acusados de judaísmo — encontramos o Tribunal às voltas com herejes saídos de suas próprias fileiras religiosas. Na década antes da invasão holandesa no Brasil, o número de membros do clero católico que chegou a sair em auto de fé público é bastante significativo: 15 clérigos e 44 monjas professas de um total de 231 apóstatas. Portanto 23% de condenados eram pertencentes à Classe Eclesiástica (8).

Foram propostas as mais diversas medidas para sanar-se o mal. Escreveram-se obras diversas e foram realizados sermões com o fito de esclarecer a população portuguesa do

---

(6) O Bispo Fernando Coutinho de Silves, já no século XVI defendia o ponto de vista de que os cristãos novos que praticavam o “judaísmo” deviam ser considerados judeus e não cristãos, pois como descendiam dos que haviam sido batisados a força, não se podia em seu caso falar de uma apostasia da religião católica. Kayserling, *Geschichte der Juden in Portugal*, ed. Leipsig, 1867, Livro II, Capítulo I. Veja também sobre Coutinho, Bataillon (M), *Erasme et la Cour de Portugal au temps de l'Humanisme*, Coimbra, 1952. Sobre a luta que o padre Antônio Vieira travará contra o Santo Ofício, veja Baião (Antônio), *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, Editores Renascença Portuguesa, Porto, 1919, vol. I, *O Padre Antônio Vieira*, pp. 205-316.

(7) Em Portugal, houve teólogos e eruditos que protestaram contra a ação do Tribunal, mostrando que nenhum proveito trouxera para Portugal. Veja carta do jesuíta Manuel Fernandes, confessor do Rei Dom Pedro, ao Papa. Apud Kayserling, *Geschichte...* cit., Livro II, Cap. VIII. Sobre a pronúncia de membros do clero contra o Tribunal existe ampla documentação ainda não publicada. Apesar de ter sido cristão novo seu autor e sua obra ter sido publicada pouco mais tarde, é interessante examinar: *Un Pamphlet Contre l'Inquisition D'Antonio Enriquez Gómez: La Seconde Partie de la "Politica Angélica (Rouen, 1647)*, ed. de Reváh (I), in *Revue des Etudes Juives*, Tome I (CXXI) Fascs. 1 e 2 Janeiro-Junho, 1962, pp. 115-168.

(8) Lúcio de Azevedo, *História...* cit. pp. 185.

mal que causava esta “gente da nação hebráica”, da qual provinha o desastroso estado em que se encontrava o país. Intensificaram-se os rigores na aplicação do “estatuto de pureza de sangue”, com o que se permitia a entrada nas Ordens religiosas, ou a obtenção de títulos, ou a ocupação de posições oficiais, ingresso nas letras, etc. apenas a pessoas que provassem não trazer em seu sangue nem uma gota de sangue judeu, mouro ou negro (9). Muitos brasileiros, ainda no século XVIII, verão suas ambições cortadas por tal razão (10). Participar, pois, das Ordens religiosas havia se transformado para muitas famílias, num dos meios de evitar que caíssem sobre elas as malfadadas suspeitas, e é certo que muitas mulheres e homens, sem nenhuma vocação, descendentes ou não de cristãos novos, procuravam ingressar na Igreja. Os documentos que tratam do clero católico considerado hereje, são extremamente interessantes e de importância para a compreensão da história da religião em Portugal e no Brasil, pois esses elementos dissidentes, excomulgados ou condenados pela Inquisição, eram muitas vezes espíritos altamente esclarecidos e transportadores do que de mais liberal e progressista apresentava o seu tempo. Daí a necessidade de cuidado, ao situarmos a questão, utilizando apenas opiniões e fontes oficiais, sem considerarmos todo o contexto histórico no qual se processou o fenômeno e sem ter em vista os argumentos dos próprios acusados, quando possível sua extração dos seus processos ou de outros documentos.

O comportamento dos portugueses na colônia brasileira refletia em grande parte a situação do Reino, porém a transferência para um ambiente menos propício à vigilância fê-los expandirem-se com maior liberdade, aderindo muitas vezes ostensivamente às idéias condenadas pela Igreja. Juntamente com outros fatores que atuaram também no sentido de ativar o espírito de crítica e ceticismo que os Inquisido-

---

(9) Veja Sicroff (Albert), *Les Controverses Des Statuts de “Pureté De Sang” En Espagne Du XVe Au XVIIe Siècle*, ed. Didier, Paris, 1960.

(10) Temos em preparo, baseada em Mms. encontrado nos Arquivos do Santo Ofício, uma lista de nomes dos brasileiros que no século XVIII foram rejeitados pelo Santo Ofício da Inquisição, por não passarem no exame de “limpesa de sangue”.



res tanto temiam, influíu a atitude dos próprios funcionários da Inquisição, enviados à colônia com o fito de vigiarem e recolherem as denúncias sôbre os suspeitos (11). O exemplo mais significativo dessa primeira metade do século XVII foi certamente o conhecido Visitador, Licenciado Marcos Teixeira, enviado em 1618, e que atuou na Bahia. Exemplos de seu comportamento ficaram registrados nos arquivos do Santo Ofício da Inquisição, tanto através da denúncia de seus contemporâneos, como também por outras acusações, e mesmo de um processo que foi movido contra êle (12). Sua vida escandalosa provocou o desrespeito da população, que pôde assim encontrar reforços para suas dúvidas sôbre a infalibilidade moral de seus pastores. Desavenças e rivalidades contínuas entre as autoridades civis e religiosas, que persistiram durante tôda a história colonial, dividiam ainda a opinião do povo, como por exemplo, o caso do próprio Bispo Dom Pedro da Silva, autor desta Devassa. Era êle membro do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição e, segundo Accioly desenvolveu “o mais escandaloso desejo de exercer o govêrno geral do estado e foi êle um dos que mais concorreu com êsse interêsse para a deposição e prisão do vice-rei D. Jorge de Mascarenhas”. Isso levou a “exasperação dos ânimos” contra êle, pois tinha ainda um “gênio insuportável” e “maneiras bem grosseiras”. A Câmara da Bahia em 10 de Julho de 1643 oficialmente mandou um comunicado ao rei sôbre sua atitude e insolência e o povo pediu que com tôda brevidade S. Majestade procedesse contra o Bispo. Queriam-no tão pouco, que quando seus ossos enviados para Lisboa se perderam num naufrágio, a população mostrou total indiferença (13).

Apesar da pressão que as autoridades religiosas faziam sôbre a população para que não tivesse contacto com as

- 
- (11) Veja Novinsky (Anita), **A Inquisição na Bahia. Um Relatório de 1632**, in Revista de História da Universidade de São Paulo, número 74.
  - (12) Seu processo encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa.
  - (13) Accioli (I) — Amaral (B), **Memórias Históricas e Políticas da Bahia**, Bahia, Impresso Oficina do Estado, 1937, vol. V, pp. 71-72.

idéias heréticas, o próprio tipo de atividade a que o português em grande parte se dedicava — o comércio — contribuía para introduzi-las. A Holanda era um dos portos muito freqüentados pelos portugueses e o espírito de liberdade que lá existia contrastava com o fanático ambiente português, polvilhado por funcionários da Inquisição. Quando, pois, os invasores batavos se apoderaram do Nordeste do Brasil, procuraram no início introduzir na região ocupada este mesmo espírito de tolerância, mesmo que fôsse uma tolerância, como se sabe, visando certos fins práticos. Ofereceram assim aos moradores algumas vantagens econômicas e lhes permitiriam conservar as propriedades e praticar livremente sua religião. Isso deve ter pesado diretamente sobre as decisões de alguns moradores, muitos dos quais permaneceram na região ocupada, apesar das solicitações contrárias de Matias de Albuquerque.

No que diz respeito à colaboração com os holandeses, temos exemplos de um comportamento semelhante, entre os membros da Igreja, entre os portugueses cristãos velhos e os portugueses cristãos novos. O Tribunal da Inquisição esteve ocupado, tanto no Reino como na colônias, não apenas em eliminar o judaísmo dos cristãos novos como as chamadas heresias de seus fiéis religiosos. Apenas como exemplo de passagem: no México, durante 300 anos os judaizantes representaram somente cerca de 16% das pessoas que foram julgadas pelo seu Tribunal. A maioria era cristã velha, acusada de outros crimes e heresias (14).

As posições assumidas pela população nordestina durante a invasão não eram muito conscientes, o que se pode perceber das próprias oscilações de seu comportamento. Um exemplo aparece nesta mesma Devassa, com Bento Gozzo, genro de Domingos Ribeiro. Estando junto com os holandeses, e dando sua mulher à luz um filho, batizou-o com o predicante dos holandeses, segundo as cerimônias heréticas. Indo depois aos padres da Companhia, vizinhos na vila de Igaraci, a conselho destes tornou a batizá-lo com os ditos

---

(14) Diz Wiznitzer (A), que a suposição de que os Judaizantes foram o maior problema do Santo Ofício no México está definitivamente errada, *Cripto Jews in Mexico During the Sixteenth Century*, in *American Jewish Historical Review*, vol. LI, n.º 3, Março, 1962, pp. 176.

padres em cerimônia da Igreja Católica (15). Muitos naturalmente não sabiam ao que aderiam, mas é fato que membros da classe eclesiástica exortaram a população a não resistir aos invasores. Pensamos que foi na prática que o convívio com o holandês se mostrou menos correspondente às fantasias dos portugueses pois na segunda fase da ocupação holandesa os proprietários endividados e a população em péssimas condições financeiras aderiram a reação e foi quando fatores culturais, simbolizados pela religião, se manifestaram com mais força.

Considerado, pois, este quadro de fundo, passemos ao documento.

Tendo o Bispo Dom Pedro da Silva conhecimento de que havia religiosos eclesiásticos que “davam de certa maneira favor aos inimigos”, manda fazer uma Devassa com o fito de apurar seus nomes. Iniciou essa devassa em 18 de Junho de 1635 na Bahia, inquirindo, em sua casa, a Belchior dos Reis, Capelão da Armada de Sua Majde., que viera a Bahia buscar socorros. Nos dias 28 e 30 desse mesmo mês e ano foram ainda inquiridos Padre Manoel dos Passos, padre Frutuoso de Miranda e Domingos Cabral Baçálar, que prestaram informações sobre os religiosos e leigos que haviam permanecido com os holandeses na Paraíba, depois da retirada de Matias de Albuquerque. A inquirição de testemunhas foi continuada pelo Vigário e Provedor da Capitania de Pernambuco, Manoel de Azevedo. Depuseram perante o Bispo e o Vigário 41 pessoas e foram denunciadas ao todo 80, sendo que 8 eram membros do clero católico, 48 cristãos velhos e 24 cristãos novos.

Mostram-nos essas denunciaçãoes que houve dois tipos de adesões dada aos holandeses: política e religiosa. Dêstes simpatizantes, alguns apoiaram a ocupação do território, prestando juramento de fidelidade ao Príncipe de Orange e aderiram livremente ao calvinismo. Outros aproveitaram a liberdade prometida para voltar à religião judaica de seus antepassados.

Nesta devassa foram acusados de colaborarem com os holandeses membros da Igreja Católica e cidadãos cristãos

---

(15) Denunciação de Cosme Dias Massiel, cristão velho. (Documento que segue).

novos e cristãos velhos. Do exame desse documento como de outros que preparamos para publicar, pode se notar que as razões que levaram a população a aderir ao invasor eram de ordem diversa e pouco definidas. Os moradores como já dissemos não sabiam muito bem o que queriam e quem deviam seguir.

Nestas denúncias não transparecem nitidamente as razões que levaram os mencionados membros do clero católico a dar apoio aos invasores, porém sua atitude deve ter influido sobre as decisões dos moradores, que, segundo a denúncia de João Correa de Almeida, diziam “quando os religiosos ficam com os inimigos, que fazemos nós...”. Religiosos como frei Antônio Caldeira, o padre Manoel de Moraes, frei Manoel de Beguino, chamado dos “óculos”, o licenciado João Gomes de Aguiar e outros exortavam a população a permanecer com os invasores, lhes traziam passaportes dos holandeses, convencendo-os a não lhes oporem resistência, pois os holandeses eram bons cristãos e cumpridores de sua palavra. Homens de projeção como, por exemplo, Antônio de Abreu, “honrado e rico” que fôra provedor da Misericórdia de Pernambuco, sofreram igualmente essa influência (16). Desses religiosos o personagem mais curioso é certamente o conhecido jesuíta Manoel de Moraes. Foi, como diz Boxer, um caso “dos mais singulares entre quantos se deram em qualquer tempo nos anais do Santo Ofício” (17). Figura importante no mundo das letras seiscentistas, dotado de grande capacidade intelectual, falava correntemente o tupi e prestou importantes serviços ao rei. Até 1635 combateu os invasores holandeses, chefiando um grupo de selvagens, mas depois tornou-se adepto político fervoroso dos holandeses, além de ter passado para o calvinismo e de querer convencer a população que adotasse também a religião reformada. Renegava a adoração das imagens o que faziam também os outros religiosos que tinham passado para o lado dos holandeses e tomou-se de ódio feroz contra a religião católica.

---

(16) Denúnciação de Garcia Lopes Calheiros e de João de Sequeira, escrivão da Alfandega e almoxarife em 5 de novembro de 1636. (Doc. que segue).

(17) Boxer, *Os Holandeses...* cit., pp. 380-382.

Antônio Caldeira, frade agostiniano, parece que foi igualmente um homem violento. O general de guerra da capitania de Pernambuco, Manuel Dias de Andrade, que substituiu D. Luís de Roxas, denunciou-o como causador de grande alvoroço. Antônio Caldeira mandou matar a Francisco de Azevedo que o trouxera prêso a Bahia e parece que tinha iguais planos em relação a Matias de Albuquerque. Como os demais religiosos denunciados, “convocou e persuadiu muitos homens dos honrados portugueses que se fôsem acastelar as mãos dos inimigos e assim o fizeram alguns” (18). Antes de viver em Pernambuco andou pela Bahia, onde teve algumas diferenças com o governador Diogo Luiz de Oliveira. Foi depois assistente em Pernambuco até a chegada dos holandeses, quando seguiu Matias de Albuquerque, voltando porém para o inimigo. Convocou gente como o capitão Bento de Freitas e o contratador de pau-brasil Manoel de Vasconcelos e lhes disse que seriam excomungados se não ficassem por amizade com os holandeses (19). Assim como Manuel de Moraes, também lia a Bíblia herética, e dizia que se devia adorar um só Deus e não aos Santos pois adorar mais que um só Deus era idolatria. Tinha uma atitude crítica em relação à política espanhola, e, visitando os portugueses em suas casas, criticava a atitude do rei, que “se descuidava tanto em não acudir...” (20).

Sobre Antônio Caldeira foi feito um Auto, sob ordem do Licenciado Manoel de Azevedo, vigário e provedor da capitania de Pernambuco, sendo então argüidas as testemunhas em Camaragibe, termo da freguesia do Pôrto Calvo (21). Finalmente prêso, foi ordenado que se lhe pusessem “em boa arrecadação e segurança os bens que se lhe

- 
- (18) Denúnciação de Garcia Lopes Calheiros. (Doc. que segue).
- (19) **Culpas do Padre Fr. Antônio Caldeira religioso de Sto. Agostinho Sacerdote e pregador...Denúnciação de Belchior dos Reis, na Bahia em 18 de Junho de 1635, Nos Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa n.º 19...Mss. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.**
- (20) **Culpas do Padre Antônio Caldeira ... Mss. cit.**
- (21) O Treslado das Culpas que foram apuradas neste Auto constam também nos Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa, n.º 19.

acharem, como sequestrados e embargados” (22). Em 4 de setembro de 1635 chegou prêso a Bahia. Neste Auto, acrescentaram-se-lhe outras culpas mais, além das que aparecem na devassa do Bispo, inclusive de andar dizendo que “Matias de Albuquerque e seus capitães vinham abrazando a terra e que os seus capitães deshonravam as mulheres” (23). Diziam ainda que, além de influenciar e fazer recolher a Antônio de Abreu, (que consta da devassa), também convenceu a “João Velho” e o “Ramalho”, “do que resultou muito dano porque se não fôsse a dita nova que o padre trouxe falsa se não forão os moradores...” “e a povoação ainda estaria nas mãos dos portugueses e não houvera tanto trabalho nas retiradas” (24). Entre os que denunciaram Caldeira encontram-se pessoas de projeção: o familiar do Santo Ofício Manoel da Silva e o comendador de S. Pedro, da Ordem de Cristo, sargento mor do estado do Brasil. Conta êste que teve em suas mãos uma carta de amor de Antônio Caldeira, que lhe mostrara Afonso de Albuquerque, escrita a uma certa dama. Parece que o frade era muito sensível à beleza feminina, pois mandou dizer a uma mulher honrada, que na Igreja “nenhuma mulher lhe parecia mais formosa que ela” (25).

As informações que possuímos sôbre Caldeira não permitem ainda que reconstruamos a sua personalidade apesar das numerosas acusações contra êle feitas. Era amigo do conhecido fidalgo Diogo Gonçalves Lasso, tendo sido, durante semanas, seu hóspede (26). Quando Matias de Albuquerque quis prender um seu amigo português, Caldeira “o tomou e o levou... para os holandeses, para o salvar e o sal-

---

(22) In *Culpas do Padre Fr. Antônio ...* Mss. cit.

(23) *Ibid.*

(24) *Ibid.*

(25) Auto que mandou fazer o Vigário Gal. Manuel de Azevedo para por êle perguntar testemunhas e saber a causa da prisão do Padre Fr. Antônio Caldeira. in *Cad. do Prom. Lisboa* cit. Mss.

(26) Diogo Gonçalves Lasso, fidalgo, cristão nôvo era filho de outro com o mesmo nome que fôra nomeado capitão das Minas pelo Governador Francisco de Souza e tomou parte no descobrimento das minas de ouro e prata na serra de Birassolaba. Depois de sua morte, o cargo de administrador das Minas passou para êste seu filho.

vou...” (27). Parece que foi o primeiro sacerdote a prestar o juramento dos holandeses, que os capturados eram obrigados a fazer ao príncipe de Orange. Segundo os denunciante a população escandalizava-se com tôdas essas atitudes de Caldeira e ora comentando ainda que andava amancebado com uma mulher na freguesia, de Sto. Antônio, ora que era somitigo, etc.

Outro frade que aparece nas Denúncias, como abastado proprietário, foi frei Manoel dos Biguinos, chamado Manoel dos Óculos. Praticou tôda a sorte de ações condenadas pela Igreja, lia livros proibidos, comunicava-se com os herejes e dizia abertamente como os demais mencionados que não se devia adorar os Santos e Nossa Senhora. Segundo informações do Conde de Bagnuolo e o provedor da Fazenda de S. Majestade, André de Almeida, frei Manuel ajudou os flamengos a virem tomar o Pôrto Calvo. Era frade de missa e pregador, e “persuadiu a pessoas graues, caleficadas se ficassem com elles e que El Rei Nosso Senhor os não podia Restaurar...” (28). Convenceu o sacerdote e pregador Lourenço da Cunha, natural de Pernambuco, que queria retirar-se com Matias de Albuquerque para Alagoas, que o não fizesse, convencendo-o a voltar para sua casa. E quando a população pedia conselhos a frei Manoel dos Óculos sôbre o que devia fazer, respondia que se recolhessem todos com suas armas pois não havia outro remédio. O padre servia ainda de mediador entre os portugueses e holandeses e interferia pelos prisioneiros.

As Denúncias contra o frei Manoel não foram sômente as que constam desta Devassa. Em 1636, a 10 de Julho, em casa do Bispo, continuaram as acusações inclusive de outros moradores de Pernambuco (29).

O Licenciado padre João Gomes de Aguiar, capelão da Capela de São João, no Pôrto Calvo, parece-nos, ter sido uma personalidade diversa dos mencionados acima. Sem

---

(27) **Culpas do Padre Antônio** ... Mss. cit.

(28) Denúnciação de Domingos Cabral Baçalar. (Doc. que segue).

(29) **Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa n.º 28**. Mss. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa.

dúvida nenhuma, aderiu igualmente aos holandeses, aos quais admirava, gabando-os também de serem verdadeiros cristãos. “Oxalá”, dizia aos portugueses “cumprissimos as nossas obrigações da nossa lei católica como eles cumprem a sua” (30). Por ser homem letrado, foi chamado para assinar o “Conserto” com os holandeses, o que fez juntamente com dois portugueses, Pedro de Abreu e Diogo Nunes Fortes. Foram também denunciados outros membros do clero, como o padre Hyeronimo de Paiva, que foi da Companhia de Jesus na Índia e depois casou-se com uma portuguesa, abandonou o catolicismo, luterano e procedendo abertamente contra os portugueses; frei Thomé, da Ordem da Trindade, também morador no Pôrto Calvo, sacerdote e pregador, já nascido em Pernambuco, e que, diziam, andava fora de seu mosteiro; frei João Coelho, religioso do Carmo, de origem cristã nova em parte, também pregador e fugido da Ordem.

Os demais denunciados nesta Devassa eram cristãos velhos e cristãos novos, acusados de terem permanecido com os holandeses e abraçado o calvinismo ou o judaísmo. O seu comportamento está longe de ser uniforme. Houve cristãos novos que aderiram à religião reformada, como cristãos velhos que aderiram ao judaísmo. Portugueses assistiam às prédicas entre os holandeses e trocavam entre si livros proibidos. Poucos o fizeram por real convicção, alguns por confusão ou imitação, outros por desavenças pessoais, como o caso do fidalgo Matias que se meteu com o inimigo, confessando êle próprio que o fazia levado por certos agravos, como por exemplo, o governador prendê-lo por estar amancebado com uma mulher casada (31). Portugueses casaram suas filhas com holandeses e teciam comentários louváveis a êstes no que concerne ao seu cristianismo (32). As duas sobrinhas do Pimenta, as conhecidas “Pimentinhas”, casadas com dois herejes, achavam que mais valia um flamengo que muitos portugueses e auguravam que ainda veriam ao rei da Espanha “andar vendendo livros e outras cousas pelas ruas como folinheiro” (33). O próprio Jero-

---

(30) Denúnciação de Francisco Correa. (Documento que segue).

(31) Denúnciação do Capitão Joseph de Soto, em 25 de Junho de 1636. (Documento que segue).

(32) Denúnciação por Cosme Dias. (Documento que segue).

(33) Ibid.



nimo de Payva, que havia sido padre da Companhia, fazia prédicas reformistas na casa do Brucuru, onde os portugueses iam ouvi-lo. Houve ocasiões em que estes se tomaram de tal ódio pelos seus próprios concidadãos que espantavam aos próprios holandeses, como o caso de João Vinhoens, casado com Dona Catharina, filha de Luciano Brandão, a quem o marido perguntava “por que acusava seus naturais pois era portuguesa como eles”.

Dos denunciados apenas uma parte foi identificada como cristã nova. Outros, mais que constam na Devassa, podem também eventualmente tê-lo sido, porém nos limitaremos, no que a isso diz respeito, ao que vai afirmado no documento. A falta de conhecimento da história dos cristãos novos, de sua estrutura mental e da própria evolução histórica do fenômeno judeu na Península, tem levado historiadores a cometer enganos de interpretação no que diz respeito a sua ação e comportamento em determinados períodos da história colonial brasileira. Assim, parece mais lógico que os cristãos novos tivessem sido pro-holandeses, visto não serem por estes perseguidos pela sua religião, nem espoliados de seus bens, como o foram pela Inquisição portuguesa e espanhola. Uma análise mais profunda, entretanto, e que necessita sem dúvida de mais pesquisas, nos mostra um quadro diferente. E compreendendo o cristão novo dentro do contexto histórico que o criou, vemos, por paradoxal que pareça, não ter-se comportado diferentemente dos portugueses. Na formação, na cultura, na psicologia, eram portugueses. A marginalidade forçada que lhes auferia um “status” muito definido, uma “situação”, no sentido sartriano da palavra, produzia de fato uma identificação, porém não lhes eliminou a condição de homens de uma mesma origem, de uma mesma língua, de mesmos costumes, e que no século XVII eram culturalmente bem mais cristãos do que judeus (34). Devemos, no entanto, fazer uma distinção entre os cristãos novos que chegaram ao Brasil, vindos do Norte da Europa, já doutrinados no judaísmo, e que em Pernambuco se empenharam na organização da comunidade nos moldes

---

(34) Em princípios do século XVII, o padre jesuíta Diogo de Azevedo notava que os cristãos novos já estavam incorporados com os cristãos velhos. A. J. Saraiva, *A Inquisição Portuguesa*, ed. Saber, p. 28.

trazidos da Holanda, e os já nascidos no Brasil, ou recém chegados de Portugal, desligados do judaísmo e de todo seu sentido religioso e cujo comportamento foi inconsistente, oscilativo e contraditório muitas vezes. Houve, durante o período holandês, ativo intercâmbio comercial entre o Brasil e o norte da Europa, e nesse comércio havia cristãos novos vivamente empenhados. Porém estes, de forma alguma constituíam a maior parte da população cristã nova do Brasil e o seu comportamento não pode ser generalizado com o dos demais cristãos novos, como se constituíssem um único grupo uniforme. Havia entre os cristãos novos grandes proprietários e latifundiários como profissionais, lavradores, artesãos, alguns já nascidos na colônia e miscigenados com a população nativa e não possuíam ideais religiosos ou políticos muito bem definidos. Isso não quer dizer que não era entre os cristãos novos que se encontrava o elemento mais rebelde, inquieto, vulnerável à introdução de idéias novas. Porém os cristãos novos que viviam espalhados pelo Brasil não receberam a mesma formação que os cristãos novos já educados na Holanda, que permaneceram depois com os holandeses e com eles emigraram em 1654.

Os núcleos de cristãos novos que constam como ligados abertamente à religião judaica, estavam constituídos em grande parte de elementos chegados da Holanda, que depois influíram sobre seus familiares que já moravam, às vezes, de longa data no norte do Brasil. Reuniam-se esses judeus em casas particulares como as de Duarte Saraiva ou Diogo Rodrigues Pereira, o moço. Em casa de Duarte Saraiva, encontravam-se Simão Correa, mercador; Rodrigo Alvares da Fonseca; Miguel Roiz Mendes; Simão Roiz, irmão de Vicente Vila Real; Gaspar Francisco, irmão de Rodrigo Alvares; João de Mendonça, sobrinho de Duarte Saraiva e seu irmão Gaspar de Mendonça; Baltazar da Fonseca, etc. Alguns dos cristãos novos mencionados na Devassa, chegaram ao Brasil depois de 1630, como por exemplo João de la Faya, que chegou da Holanda em 1633, com outros casais, diziam que “fugido da Inquisição” (35), e Jacome Fernan-

---

(35) Denunciado por João de Sequeira, escrivão da Alfandega e almoxarife da capitania de Pernambuco. In Documento que segue.

des, que havia sido criado na Holanda, apesar de nascido em Portugal (36). Outros, como Pero Lopes de Veras, era já antigo na colônia e com importante atividade no comércio do açúcar. Tinha um engenho no Cabo de Serinhaem e depois da chegada dos holandeses passou a viver em Recife (37).

Manoel Martins da Costa, natural de Viana, assistente em Pernambuco e cristão velho “pela graça de Deus”, confirmou que em Recife havia quantidade de judeus públicos, portugueses que vieram de Holanda. Distinguiu-os entretanto dos cristãos novos, dos quais diz “não sabe cousa má” (38). A divisão política introduzia algumas vezes desavenças nos casamentos mistos, como o caso de Simão de Carvalho, cristão novo, casado com Dona Felipa de Albuquerque, prima irmã de Matias de Albuquerque, cujos interesses e opiniões fê-los tomar partidos diferentes (39).

Outras informações mais podemos colher deste documento, contidas em suas linhas e entrelinhas. São as opiniões do povo. “Histórias verídicas ou mentirosas, em ambos os lados”, como diz Boxer (40), mas que nos ajudam a conhecer o que este povo era, não através do que pensavam dele as fontes oficiais, mas do que eles mesmos proferiam.

---

(36) Denunciado por João de Sequeira. *ibid.*

(37) Kellenbenz (H), *Sephardim An Der Unteren Elbe*, Franz Steiner Verlag, Wiesbaden, 1958, pp. 477 Ap. 2 Veras “carregava açúcar em Pernambuco em 1603 para Manuel Roiz Duarte e Afonso Vaz de Souza, de Lisboa.

(38) Denuncia de Manuel Martins da Costa. (Documento que segue).

(39) Denunciado por Capitão Joseph de Soto. Documento que segue).

(40) Boxer, *Holandeses no Brasil* ... cit. pp. 241.



*Treslado de alguns testemunhos dadeVassa que  
tirou o ILM.º S.ºr Dom Pedro da Sylua Bpo do Brasil  
naCidade doSaluador Bahia de todos osSanctos em  
Dezoito deJunho de 635 annos \**

393// Aos dezoito deJunho demil eSeis centos etrinta eSinco  
annos na /Bahya nasCazas aonde uiue oIlmoSºr Bpo Dom  
Pedro daSylua pareceo ante / odito Sºr oPº fr. Belchior dos  
Reis quedisseSerSacerdote Religioso professo dater / seira  
ordem deSão Franº, eChristão uelho natural deLxa de  
idadetrinta equatro/annos filho de Anºc Moreira Meirinho  
doSancto officio deCoimbra estantenestas / partes porcap-  
pelão da armada Real deSua Mgº e aqui veyobuscarSocorro  
E / por o dito Sºr Bpo ter algua noticia que nas partes  
dePernambuco auia religiosos / Ecclesiasticos quedavão em  
certa maneira fauor aos inimigos pera elle Sºr Bpo / saber  
auerdade epera poder proceder, efazer oquefosse justo, eque  
elle Pº poderia saber algua Couza do caso pera nellefalar  
uerdade eter segredolhefoi dado / juramento dos Sanctos  
eVangelhos em que pos Sua mão Subcargoo do que prome-  
teo / De dizer uerdade, eSendolhe dito queDECLARAÇE oqsabia  
noCaso disse- Dis...mais que fr. Manoel dos Ocolos, eos  
tras, Religioso deS. Paulo, enão sa.../ Dondehe natural,  
eanda neste estadoha mºcs annos, enoPorto Caluo tem Ros-  
sas, escrauos, escrauas, eCarris deVacas, ehpublico, edito  
geral ter passaportedos oLandeses ini/migos, Communica-  
Comeles, Elée pellaSuabiblia heretica, e dis q senãohade /  
adorar mais que ahumSooDeos enão anossaS.ª emais San-  
ctos, eistohe notorio / epublico, eoConde de Bonhuelos que  
agora está na alagoado norte, Andre dal / meida dafonseca  
provedor da faz.ª de SuaMg.º que estadeprez.ºe na Alagoa-  
do... / lhedisserão aelle testemunha que odito fr. Manoel

*Fr. Mel.  
dos  
occolos*

\* Manuscrito pertencente aos Cadernos do Promotor de Lisboa n.º 19. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A numeração desses Cadernos foi refeita recentemente, não coincidindo, muitas vezes, com a antiga.

*P<sup>e</sup> Mel. demorais* fizeravir os framengos inimi/gos atomarComo tomarão oPortoCaluo — Dissemais que oP<sup>e</sup> Manoel / de Moraes pregador da Comp.<sup>a</sup> SacerdotenoRio grande Dizem andou por Cabo de / indios agora depois que oshereges tomarão aParahiba semeteuCom elles, ehe / publico anda em traje deLeigo Com espadaContra osCatholicos comoos mesmos /oLandezes fazem, eda mostras deherege, e confessaserVasalo doPrincipe deOrange, / oqsabe porSer notorio, em <sup>to</sup> escandaloso de quepoderão dizer fran.<sup>co</sup> Serrano Sargen/to mor quefoido terso dePortugal, emPernambuco, eprezionario dos oLandezes eagora esta emPortugal, eDom Pedro Saueira Soito-Mayor quefoi prezionario / que esta na alagoa do norte, eaoCostume dissenada eSendolhe Lido disseque

398v // Estaua escrito naVerdade que nadatinha que tirar, nem acrescentar / eodesia de Nouo Sendo necessario affirmama e Retificaua ao que tudo / estiuerao presentes porhonestas eReligiosas pessoas oslececeados fr.<sup>co</sup> / glz eDiogo Lopes chaues conegos que tudo uirão eouvirão, ejuraram / Dizer uerdade, etersegredo, eassi digo pondo amão nosSanctos eVangelhos / EassinaraoCom atestemunha, ecom os S.<sup>or</sup> Bpo, E eu oLdofran.<sup>co</sup> daSylua /Sacerdote que tenho iuramento dos S.<sup>or</sup> Bpo pera escreuer uerdade eter/ Segredo nas Semelhantes Couzas queoescreui frei Melchior dos Reis / oBispo do Brasil — Diogo Lopes Chaues — Francisco Gonsalues — / ja atestemunha perafora fes editos.<sup>or</sup> pergunta aos dittos Reverendos / conegos selhes pareçia q falava atest.<sup>a</sup> uerdade, e Selhe podiadarcredito / Responderão ques, por que alga noticiaCorredamateria, enãosabem / que por nenhuma maneira atestemunha tenha cauza dedizer oque nãohe / Senão de testemunhar uerdade, eassignarãocom o dito S.<sup>or</sup>, e eu o sobredito o / escreui — o Bispo — Diogo Lopes Chaues — Franc.<sup>o</sup> Gonsalues / Aos uinte eoitto dias do mes de Agosto, demil e seis centos etrinta eSinco/annos, nas Cazas do Ilmo. S.<sup>or</sup> Bpo Dom Pedro da Sylua tirou as testemunhas / abaixo Conego franc.<sup>o</sup> glzConegonestaSantaSeeda-Bahya / q nasCouzas / De importancia desegredo escreveu nasCauzas do ecleziastico, eeuConego /Fran.<sup>co</sup> glz que oescreui — o p<sup>e</sup> Manoel depassos Curado Penedo de / idade quedisse ser de trinta ehum annos aquem o Ilm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bpo deo iuramento dos Sanctos eVangelhos em quepossuamão eprometeodizer uerdade — Eperguntado sesabe ousospeita pera oq foi chamado ou / selhedisse alguém que calasse ou não dicesse aVerdade Disse que não — / Perguntado

sesabe deVistaoudeouida que algunsClerigos oufra/ des que andemforadeseo mosteiro tomassem passaportes dos olandezes / elhes obedecessem, esefossem pera elles, ou oscomunicassem aduertindo q/ quem pecasse em materiaContra afee, oudefactos hereges ou q/ Seião Leigos, ou Religiosos de qualquer Religião sabendo tem outrosim obrigação / De odizer aqui como dos outros assima apontados Disse quedeoito mezes / aesta parte este Capellão Curado na ig.<sup>ra</sup> deNossaS.<sup>ra</sup> do Rosario doPenedo/ que fica da alagoa doSul uinte, equatrolegoas, edadonorte trintaE /tres ehindodeSerezipe DelRei São daditaCidade aoPenedo uinte eSete / Legoas, eisto noCaminho DeParanambuco, ouPerto delle, ecomo a

<sup>300</sup>// ParaibaSePerdeo, eos oLandezesforão ganhando aCampanha vier.../ Vindo dela fugindo m<sup>tas</sup> pessoas que seficarão nodito destricto doPenedo / Ealguans passarão, ecom diuer sas communicou elle declarantesobre o Con... / Na pergunta, eam<sup>tas</sup> das ditas pessoas eem especial afran.<sup>co</sup> Teixera quefoi es/criuão daCamera do eccleziastico, emoraua no Porto Caluo quedista quarenta/ legoas doPenedo que m<sup>tos</sup> clerigos e frades se ficauãocom os oLandezes, uns/ nas terras onde estauãoCurando igreias, outros quevindosse se deixauão ficar / com elles Recebendoseo passaporte — E que tambemdezião publica /mente todos os quevinhão daquellas partes que ope Manoel deMorais [Sacer]dote, epregador Religioso da Comp.<sup>a</sup> eqsabia aLingoados indios daterra, E / acuo cargo estauão tomara habitoSecular Semeteracom osoLandezes, E / que animaua o gentio contranos eque negaua aadoração daCrus, edas [ima]gens, equedezia que andanossoSenhor año dezemparara q. Se odezempa /rasse de todo não aiadeficarChristão no Brazil, eque atodos aiadematar / por q Se atreuia aiuntar ogentio todo assi, oqueouio em especial ao /Capp.<sup>am</sup> An<sup>to</sup> fernandesbotelho que estara agora na alagoa, eacrescentão agora que / odito Manoel demoraes he hido aolanda apedir merses ao Principe/ De Orange eoofficio de governador geral das aldeas dePernambuco, eal nã[o] / disse demdo Costume o P<sup>e</sup> Manoel depassos — oBispo —

*P<sup>e</sup> Mel.  
demorais*

/ Aos trinta domes de Agosto demil eSeiscentos e trinta eSincos tirou os<sup>or</sup> Bpo as testemunhas abaixo nomeadas Comigo escriuão nesta Cauza eeu /oConego Fran.<sup>co</sup> glz queo escreui — o P<sup>e</sup> fructuosodemiranda Sacerdote / que disseser de idade de quarenta equatro annos, eChristão uelho

natural / de S. Miguel de Rois arcebispo de Braga, e estas partes de Pernambuco / a the meya quaresma proxima passada, testemunha aquem o Ilm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bispo Deo iuramento dos Sanctos e Vangelhos em que pos sua mão e subcargo / do qual prometeu dizer uerdade Eter Segredo — Perguntado Se Sabe ou / Suspeita pera q foi chamado ouse Alguem lhedisse que Calasse ou dicesse / aqui alguma Couza Disse que não — Perguntado se Sabe que alguns / Clerigos ou frades que não-tenhão aqui mosteiro seficarão por sua vontade / entre os oLandezes em Pernambuco, ou tomarão seo passaporte ou os Comuni/carão, ou quem os ajudasse, e fauorecesse em seus erros — Disse mais que / era Vox efama que o P.<sup>e</sup> Manoel demoraes da Comp.<sup>a</sup> Sacerdote que andaua / por Capp.<sup>am</sup> de indios se passara voluntariamente ao inimigo, e muitos diziam / que andaua de certo aos assaltos contranos, e al não disse, nem do cus

P.<sup>e</sup> Mel.  
demoraes

<sup>399v</sup> // tume, e assinou com o dito S.<sup>or</sup> Bpo, eu o Conego Fran.<sup>co</sup> glz que o escreui — o P.<sup>e</sup> / frutuoso demiranda — o Bispo / Domingos Cabral baçalar de idade de trinta e oito annos aquem o Ilm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bispo / Deo iuramento dos Sanctos e Vangelhos subcargo do qual prometeo dizer uerdade / eter-Segredo — Perguntado se Sabe ou Suspeita pera que foi chamado ou / selhe disse alguém que falasse ou dicesse aqui alguma Couza disse q não — Per / guntado se Sabe se alguns Clerigos ou frades que andem fora de um mosteiro / ficassem com os oLandezes, etomassem passaportes, e communicassem com elles / Disse que o P.<sup>e</sup> João Gomes de Aguiar que estava emhua propriedade sua no / Pôrto Caluo he notorio q seficou com os oLandezes, e exortaua aos moradores dali / seficassem com os oLandezes, etambem ouio que elle dissera missa na jg.<sup>ra</sup> Noua / estando ia a terra por elles — Disse mais que fr. Manoel do Salvador / Beguino chamado dos oculos de missa, e pregador he publica Vox efama q ficou / com os oLandezes, e persuadio a pessoas graues, caleficadas seficasse com elles e que El Rei nosso Senhor os não podia Restaurar — E que o mesmo fizera fr. / Antonio Caldeira frade Agustinho, eq publico fora de Serinhaem estando / ahi Matias de Albuquerque dezaparecera e se fora pera os oLandezes / e al não disse e assinou com os.<sup>or</sup> Bpo, eu o Conego Fran.<sup>co</sup> glz que o escreui — / Domingos Cabral baçalar — o Bispo

João  
Gomes  
de Aguiar

Fr. Mel.  
dos  
oculos

Ant.  
Caldr.<sup>a</sup>

/ Aos uinte e cinco dias do mes de junho de mil e seiscentos, e trinta e / Seis annos nas Cazas dos.<sup>or</sup> Bspo Dom Pe-



dro da Sylua tirou as test<sup>as</sup> abaixo / Comigo escriuão Eu o Conego Fran<sup>co</sup> glz queoescreui — ELogo pareceo / sendo chamado Ant<sup>o</sup> Caldeira damata alferes na guerradeParanambuco q entre / os inimigos esteue perdida aCampanha, eque ora ueyo aestaCidade deitado pElles edisseSerChristão uelho deidade deVinteeito annos natural dajlhadamadeira / CazadoLaCom Maria deVasconcelos, Eperadizer uerdade, eterSegredo os<sup>or</sup> Bispo / lhe deo juram.<sup>tc</sup> dosSanctos eVangelhos em que pos amãosubcargo qual assio / protemeo — Perguntado seSabeouSuspeita pera q foi chamado eSelhe / falou alguem que dicesse ou Calasse algua couza do que aqui lhe fosse perguntado / Disse que não — Perguntado SeVio ou ouuio nas PartesdeParanambuco / que algum Catholico fizesse, ou dicesse algua Couza qelhe paressemal — Disse que muitas sefazião, edezião, malfeitas, equeSo deprezente lheLembrara / que Pero Lopes de Veras que tem eng<sup>o</sup> no no Cab<sup>o</sup> eemSerinhaem, eagora Rezideno Recife / eque esteue prezo demandado deMathias dealbuquerqueCab<sup>o</sup>, Dezião por / sesuspeitar que tratauaCom oinimigo, edepois perdida aCampanha, eaquelle / forte

*P. Lopes  
deVeras*

<sup>460</sup>// forte seficouCom os oLandezes Como amigo delles, oqualseprezadisso / eonão nega, nem terlhes iurado obediencia, eelle testemunha lho ouuidizer / que iurava ojuramento q Custumauãoos oLandezes tomar aos q seficauãoCom / elles, ora iurassem porforsa, ou porVontade, em<sup>tes</sup> jurarão mas os mais / forçados, eoiuramentohera que prometião obediencia, efidelidade aoPrincipe / Deorange, eaosSenhores daCompanhiadas jndias occidentais, ede estarem aSeo/mandado enãoConhecerem aoutro porSenhor, / nem aSuaMg.<sup>e</sup> equelles / pagarião omesmo que pagauão aElRei nossos.<sup>or</sup> caleuantavão odedo peraSima / oqSabe por ouir otermo quedisto fes fr. Ant<sup>o</sup> CaldeiraComo dira — Eodito / Pero Lopes mandaua aVizar porhumSeofilho Bastardo aquem nãoSabeo/nome, nem Setem outro ao qual comessa abarba alto doCorpo, moreno / Do Rosto, eagora lhe Lembra q Sechamajoão deVeras, eosabe por que elle / test.<sup>a</sup> esteuehum anno entre os inimigos, eametadedestetempo noforte / iunto a[Nos] del[fiuza] Sargento mor egd<sup>or</sup> daquella prassa quedeziaSer / Frances, eCatholico, ao qualSe aRimou elle test.<sup>a</sup> edeContino estaua naSua / pouzada eVio uir ali oditoJoão de Veras efalar emSegredoCom oditoSar / gentomor quedepois lhedissee que trazia aVizo deseupai Pero Lopes que / anossa gente uinha marchando pellosertãmparadarSobre

elles, eoinimigo / fes Sua preuenção, eanossa gente naVerdade foiSentida, eVindo se Retirou/ elle disse mais que odito Pero Lopes trazia mulatos, enegrosSeos pella Campa / nha peradarem aViso, eque elle auizado dos mulatos Auizaua aos oLandezes / ehua ues naquelles ditos seis mezes que elle test.<sup>a</sup> esteuenoCabo, os quaesSe / acabaram auera outrosSeis, não lhe lembra odia nem mes em quepassouo / sobredito nem o que mais dira uia uir aoditoPeroLopes efalar emSegredocom / oditosargento mor qlhedisse aelle test.<sup>a</sup> que uiera aVisarComo os nossos ui / nhão dar emPoiuqua elogio os inimigosfizerão preuenção aVistadelle test.<sup>a</sup> / Deitando gente fora naVoltadePoiuqua edepois soube elle test.<sup>a</sup> por outra / uia que anossa gente uinha naquellavolta, echegara aSerinhaem enãopassara / porSersentida, eodito PeroLopes ouiuo elle test.<sup>a</sup> quandoSeuinha noRecife / omes passado dizer aos oLandezes que hera judeo, eisto por que perguntando / lhe elles quem hera odito Pero Lopes, edizendolheque otinha porhum homem / honrado elhesdisserãocalê q heChristão Nouo, edizendolhe elle test.<sup>a</sup> q não lhe / pareciaSer esse, elles tornarão, edisserãohum judio, eal não disse, eaoCostume / nada eSendolhe Lido oseo testemunho disse que estaua escrito naVerdade / enão tinha que tirar nem aCrescentar, nem mudar eo tornaua dizer

<sup>400v</sup>// Denouo Sendo necessario, eo affirmaua, eRetificaua, ao que tudo estiuerao / presentes por honestas, eReligiozas pessoas que o ouuirão, ejurarão aos / Sanctos eVangelhos em que puzeramSuas mãos dedizerem uerdade doque / lhesfosse perguntado, eteremSegredo os Reuerendos P<sup>es</sup> João daCosta / aranha, eMatheus dafonseca Beneficiados naSeedaBahya que assignarão / Como testemunha, eCom os<sup>or</sup> Bpo, eeuoConego Fran.<sup>co</sup> glz queoescreui — AntonioCaldeira da mata — oBispo — oP<sup>e</sup> Matheus dafonseca — oP<sup>e</sup> João daCosta aranha — eida atest.<sup>a</sup> perafora os<sup>or</sup> Bpo fes pergunta / aos ditos P<sup>es</sup> Selhes parecia que atestemunhafalaua uerdade eSelhe / podia darCredito, epor ellesfoi dito q Sim lhes parecia q falaua uerdade / eSelhes podia darCredito, etornarão aassignarCom oditos.<sup>or</sup>, eeuoConego / Fran.<sup>co</sup> glz queoescreui — oBispo — oP<sup>e</sup>Matheus dafonseca oP<sup>e</sup>João / daCosta aranha —

/ Elogo no mesmo dia atarde pareceo ante os<sup>or</sup> Bispo sendochamado oC<sup>pp</sup>.<sup>am</sup> / Dom Josephe deSoto quedisse Serdejdade de trinta annos natural de / Toledo que

orachegou aqui Lansado dos inimigos, epera em tudo dizer / uerdade, eterSegredo lhefoi dado iuramento dos Sanctos eVangelhos / subcargado do qual prometeo dizer uerdade, eterSegredo — Perguntado / SeSabia ouSuspeitaua pera q foichamado ouSe algum lhedisse que / dicesse aqui oucalaçe oqueSabia disse que não, PerguntadoSeSabe ou / ouuiu que nas Partes dePernambuco algumCatholicofizesse-oudicesse / algumaCouzaContra o serv.º de Deos, edeSuaMg.º quelhe parecesse / mal — Disse que não, mais quedizerse publica notoriamente / q hum Hyronimo depaiua que forradaComp.ª dejhs najndia VieraCom / os oLandezes aguerradePernambuco, eque na ilha dejtamaraca estaua / Cazado Com hua Purtugueza eque hera herege, e procediaContra nos Como / os mais inimigos eque hera Luterano, mas elle test.ª nunca oVio nemlhe / quisfalar por estar emoutra parte — Edissemais q hera publico / emPernambuco queJoão deMorais SacerdotedaComp.ª SemeteraCom os / oLandezes eassistia na guerraContra nos eagora está emLanda — Disse / mais que Mathias fidalgo que moraua noCabo deSancto Agustinho Sefoi / meterCom oinimigo, edepois tornouCom os oLandezes quando ganharam / aquelleforte, edezia que ofizera por alguns aggrauos Comofoi prendelo / og.<sup>dor.</sup> por estar amansebado com hua molherCazada — ESimão / Carualho morador em Suripaca eque estaua prezo porlhe acharem

401// Passaportes do inimigo peraSi, epera PeroLopes deVeras Christam Nouo / segundo dizem CazadoCom Dona Philipa dealbuquerque primaCom / Irmam deMathias de Albuquerque Com quem ellaSe Retirou edepois toman / do oinimigo acampanha he publico que oditoSimão Carualho SeficouCom / onimigo eque he oie feitordehum engenho porCriado do geral della Digis / mundo Bandescop, eamão delle test.ª ueyo hua Carta escrita aodito general / DeSimãoCarualho em quedis estimara muito aCompanhalo eandarSempre / emSua Comp.ª, uelo porque nãolhe ficou outrobem senão depois quefoi Rou / bado pelo treidor de Mathias de albuquerque, etem parte de RassadeMulato / Edecabra — Disse mais que odito PeroLopes deVeras podendose Retirar / Se ficouCom os inimigos, efoi que mandando o prenderMathias de albuquerque / aoSeo engenho por alguma noticia que elle tratouaCom os inimigos, eSeter / achado odito passaporte, emandando Recolher assi prezo na fortaleza / Do Cabo quando onimigo ueyo eatomou elleSedeixouficar podendo-sehir / enaquellas partes está entre os oLandezes, edeziao

*PeroLopes deVeras*

que embarcaua asuq.<sup>res</sup> / Pera oLanda, epera LaSe detremi-  
naua hir Se anossa armadaViessa, ealñão disse / eaoCustume  
nada, eassinouCom os<sup>or</sup> Bpo euoConego Fran.<sup>co</sup> glz queoes-  
creui — Dom josephedeSoto ponzedelea — oBispo —  
/ Aos uinte eSincodiasdomes deNouembrodemil eSeis centos  
etrinta / eSeis annos emCaza de jlm.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> Bispo estando elle  
prez.<sup>te</sup> tirou astestemunhas / abaixo nomeadas Comigo escri-  
uão euoConegoFran.<sup>co</sup> glz queoescreui — E por / ter noti-  
cia quepoderião dizer de alguans Couzas de importancia  
aoServ.<sup>co</sup> / De nossoSenhor — João deSiqueira escriuão da  
alfandega, ealmoxa / rifado daCappitania de Pernambuco  
dejdade que disseSer de quarentaE / tres annos, eque os  
inimigos tomando o naCampanha na occazião damorte / do  
geral. DomLuis deRoxas, eoLeuaram prizioneiro ao Recife  
*donde* tiueramo Athe oprincipio destemes deNouembro  
deSeis centos etrinta e eSeis que o / enuiaram Com outros  
acosta destaCidade eodeitaram catorze Legos della, teste /  
munha iurada aosSanctos euangelhos Subcarga do qual pro-  
meteodizer uer / dade, eterSegredo quelhefoi m.<sup>to</sup> encarrega-  
do e encomendado que postos os / olhos em Deos dicesse  
toda auerdade — PerguntadoSeuio ououiuo / que algum-  
Catholico fizesse ou dicesse Couza qlhe parecesselmal em  
Razão / DanossaSantafee — Disse que ouiuo que Aires  
pereiraChristam / Nouo estando emSuaCasa naVarge dehum  
anno aesta parte queixandosse

fagote  
por  
alcunha

<sup>401v</sup>// Dissera queofagoteCuio Nome lhe NãoLembra mashe-  
Conhecido por / fagote estando noPorto Caluo fora na  
Comp.<sup>a</sup> do Cpp<sup>am</sup> Soto ao dar assaltos / ao oLandes eque  
entrando aRoubar emSuaCaza naVarge huaSua filha / mossa  
aquem oditofagote ensinara lhedissera S.<sup>or</sup> mestre pellas  
Chagas de / Christo que me não tire Vm estaVasquinha, eque  
odito fagote deCuio Sangue / nãoSabe, solteiro, lhe Respon-  
dera oraCalaivos que ia nãohaCha / gas de Christo, eque isto  
ouiuo elle test.<sup>a</sup> amuitas pessoas deque deprez.<sup>te</sup> / Não esta  
Lembrado, no eng.<sup>e</sup> de Luis brasBezerra seosogro delle tes-  
temunha / oqualfagote esta no PortoCaluo — Disse mais q  
AntoniaSoares / Christam Noua quazi toda filha deBreatis  
BaLa Moradora nas terras / do dito Luis Bras bezerra he  
publico queCazouComhum oLandesLute / rano, eque celeb-  
rou ocazamento humseo predicanteoLandes, eque Brazia /  
Monteira sogra delle test.<sup>a</sup> presente Nissia bezerraSuamolher  
/ eMaria Bezerra eAnt.<sup>a</sup> BezerraSuas Cunhadas disserão aelle  
testemunha / que perguntado adita Ant.<sup>a</sup> Soares quem a

Breatis  
aLá

*Fr. João  
Coelho*

Cazara, equedizendolhequehum predicante, e replicandolhe se esta assi bem Cazada, aqualRespondeo que / hum frade lhedissera que estaua mais bem Cazada do q seoforaCom / hum Clerigo nosso, entãoSabe elle test.<sup>a</sup> de que Religioso falaua — Posto / que hebemVerdade que naCampanha-dePernambuco andauadepois q Se / perdeo eanda fr. João Coelho Religioso doCarmo Christam Nouo emparte / prega-dor que anda fugido da ordem tio dadita Ant.<sup>a</sup> Soares, Vai aSuaCaza / EquedeCatholicos não sabe outraCouza que haia dedenunciar senão m.<sup>to</sup> / q Louuar — Eperguntadose conhe-geio Naquellas partes dePernambuco / aos P.<sup>es</sup> fr. Ant.<sup>o</sup> Agus-tinho, Frei Manoel dos ocollos Biguino, ehumfrade / caste-lhano que fas agoa ardente, e como procediam — Disse que o frade da agoa ardente nãoConhece nem tem mais conhe-cim.<sup>to</sup> defr. Manoel dos ocollos / que uelo uir ao Porto Caluo falarComDom Luis de Roxas, emormurarse q / tra-tauaCom os inimigos — E quanto afr. Ant.<sup>o</sup> Caldeira elle test.<sup>a</sup> oConhece de / quatro annos aesta parte pellaCampa-nha dePernambuco, eo ouiuo La / pregar Duas ou tres vezes, ebem — Eque estando elle test.<sup>a</sup> emSerinhaem / Pera ondeSe tinha Retirado, Mathias de Albuquerque emoanno passado pouco / mais oumenos, eestando i<sup>a</sup> oinimigo oLandes em Pouiça Disse odito frei / Ant.<sup>o</sup> que ellefora aPouiça falar-Com o oLandes, eque nãoSelhedaua nada / que odicessem a Mathias de Albuquerque, que aindaSelhedesse naVontade tornaria

*Fr. M.<sup>el</sup>  
dos  
occollos*

*culpas  
defr.  
Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>  
que cres-  
cerão  
mais des-  
pois q.<sup>e</sup>  
jorão as  
outras  
em 12 de  
iunho de  
636 eem  
22 de  
dejan.<sup>ro</sup>  
de 637*

<sup>402</sup>// tornaria la outra ues, oque elle test.<sup>a</sup>lhe ouiuo por que estaua / presente e hindo pera o PortoCaluo uindo ahi o inimigo SemeteoCom elle / eSe RetirouCom os oLandezes quando Dom Luis de Roxas ueyo aditaVilla dePor / toCaluo, eachandose elle test.<sup>a</sup> então Naquellas partes uio que oSobre-ditohera / publico enotorio em que ninguemduuidaua, ehe certo — EoVulgo dezia depois / que odito fr. Ant.<sup>o</sup> Caldeira aconselhava a Ant.<sup>o</sup> de abreu pessoadeSustancia, eque / foi provedor na Misericordia dePernambuco, em.<sup>to</sup> amigo dos pobres com quem / gastaua egasta oseu que sefosse meter nos nauios dos inimigos quando Mathias / albuquerque ueyo aPortoCaluo, eos uenceo, equando ueyo Dom Luis de Roxas / odito Ant.<sup>o</sup> de abreu selhe ueyo deitar aos pes, e trouxe m.<sup>ta</sup> farinha egado pera os / nossos de que estabem Reçebido no PortoCaluo com os nossos, ondehera morador / Disse

mais que estando elle test.<sup>a</sup> no Recife agora uierão dous nauios oLandezes / etrouxeram oitenta, ou cem iudeos peraSoldados, enão Sabeseuierão alguns / Cazados, eiadantes aVera pello discurso de Dous annos tinhamVindo Cazais de / judeos de oLanda que estam no Recife todos iudeos manifestos dos quaes m.<sup>to</sup> / dizem que fugiramdeLx.<sup>a</sup> por amor da iniquissão hum dos quaes sechama / João deLafaya Cuia molher eellesSão iudeos publicos, eoutro quedisse prez.<sup>te</sup> / elle testemunha, e Manoel Martins daCosta que auião de uir tomar a Bahya / aelleS.<sup>or</sup> Bpo aRastar pellas Ruas por quantofora inquizidor eos castigaua / inocentementepalaura deque Uzaua deComo quem não tinha por peccado / Ser iudeo — Edizem q Luis Serrão que tem parte de Christam Nouo Cazado / Com huaChristam uelha que uindo de Lx.<sup>a</sup> foi tomado eLeuado ao Recife aaira / amolher deJoão deLafaya que quandoCazaraCom elle professaua afee, mas q / ella lhe mostrara hum Liuro Comohia errado, eelle Logose tornara Aojudaismo / eque tam boa judia afizesse nossoS.<sup>or</sup> como ellehera judeu — equedeziam No / Recife aonde elle test.<sup>a</sup> esteue queSe aiuntauão ajudearia emCaza deDuarte / SaraiuaChristam nouo que ueyo de Flandres, / etem muitos parentes emPernambuco / enãoSabe elle test.<sup>a</sup> Se aesta iunta acudiam também os moradoresChristãos / Nouos moradores da terra que não faltam, equedeziam que tinham os ditos / judeos aos oLandezes hum pedaço de terra perafazerem esnoga, eal namdisse / eaCustume nada eassinouCom oS.<sup>or</sup> Bpo, eu oConegoFran.<sup>co</sup> glz queoescreui — E / Declarou que nãoSabe onome aojudeo aquem nestemes ouio noRecife asso / bñeditas palauras tocantes aos.<sup>or</sup> Bpo masfalaua m.<sup>to</sup>obem Portugues, ehe pe / queno deCorpo aquem apontaua abarba elle test.<sup>a</sup> ComManoel Martins lhe / Responderam nunca os nossos olhos tal ueram, eelle uosha aidade mandar

402<sup>v</sup>// queimar — osobredito queoescreui: João deSiqueira — oBispo — / Aos tres dias do mes deDezembro demil eSeis centos etrinta eSeis annos / NasCazas do Illm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bispo Dom Pedro daSylua NestaCidade da Bahya / tirou as test.<sup>as</sup> abaixo Comigo escriuão eeu oConego Fran.<sup>co</sup> glz q oescreui — / o P.<sup>e</sup> Manoel dias Sacerdote quedisseSer natural dePernambuco, eque/ uiera de La pera as alagoas quando perdemos aCampanha, deidade detrinta / annos pouco mais ou menos test.<sup>a</sup> aquem oIllm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bpo Deo juramento / DosSanctos euangelhos em que posSua mão prometeo dizer uerdade, eter / Segredo, que muito lhe encarregou — Pergunta-

*P<sup>e</sup>  
Morais*

doSeVio ououiuo Couza q / lhe parecesse mal Respeito de-  
nossaSancta fee, eque procedimento tiueram / etem os cle-  
rigos, efrades que andamfora deSeo mosteiro nas p.<sup>tes</sup> de  
Pernam / buco, eSefoi algum dellesCauza dos jndios SeVo-  
LueremContra nosESE / aiuntarem alguns dos nossos como  
inimigo — Disse que oP<sup>e</sup> Cuio nome / DaPia namSabe por  
qSo seChamauaComum mente oP<sup>e</sup> *Morais* Sacerdote / Da-  
Comp.<sup>a</sup> eque tinha aSeo Cargo os indios com os quaes Pe-  
Leiaua pornos / no aRayal antes queSePerdesse acampanha-  
ComoCpp.<sup>am</sup> delles oq elle / test.<sup>a</sup> lheVio fazer — Edepois do  
aRayal perdido ouuiu elle test.<sup>a</sup> / Dizer geral mente, ehera  
publicaVox efama na quellas partes, eentre gen / te principal  
que odito *Morais* perdido oaRayal, eaCampanha apostatara  
edissera edeixara NossaSanctafee, eSefizeraCaluino publico,  
edeixaraCre / cer abarba, emudara uestido, econuocara os  
jndios eosfizera pordaparte / Do inimigo Contra nos etomara  
armas outroSiContra nos, eque querendo / o inimigo fazelo  
Capp.<sup>am</sup> emandalo Com aiunto aMoribica pouoção daCam-  
panha / elle dissera que aiunto não que odeixassem hirCpp.<sup>am</sup>  
equeVeriam que anenhum / Portugues dauaVida, oque não  
tiuera effeito por oinimigo Senãoquerer / fiar delle — E  
outroSi hera publico que noRecifedissera odito *Morais* ahum  
/ fradeCapucho que La Leuaram prezoneiro que athe agora  
andaua errado Em / Seguir nossaSanctafee que aSuaSeita  
heretica q. Seguia heraboa, eque a / Seguisse elle tambem  
— Edizem que odito *morais* Sefoi pera oLanda Eque / LaSe-  
Cazou — Dissemais quefr. Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>ra</sup> frade Agostinho es-  
tando em / Serinhaem agente do nosso aRayal q se Retirou-  
eelle tambem, dali oVio / elle test.<sup>a</sup> hir aPoiuca Duas Legoas  
ondeinimigo estaua sem embargo de / ter posto penadeVida,  
ede treidor ogeral da guerra Matias de albuquerque / que  
ninguem tratasse nemCommunicasseComo inimigo, eVio elle  
test.<sup>a</sup> / que odito geral tomou muito mal adita hida defr.  
Ant.<sup>o</sup> Caldeira E

*Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>*

<sup>403</sup>// Depois disse aelle test.<sup>a</sup> oditoMathias de albuquerque  
que oditofr. Antonio / fora uenderCaixas de aSuq.<sup>re</sup> ao ini-  
migo, etrouxera passaportes, eque os uendia / Aos nossos em-  
Segredo equedeopois Sefora pera o PortoCaluo oditofr. Ant.<sup>o</sup>  
aonde / estauam os oLandezes eque La Se embebedaramCom  
elles, e que os oLandezes o meteram / em huaCaza Com hua  
molher pera Zombarem denos, edizerem quemherão osSacer-  
dotes / Ehindo ao PortoCaluo anossa gente, eelle test.<sup>a</sup> não  
uiu aoditofr. Ant.<sup>o</sup>, edisseram que / Sefora pera aBarra gran-

de, aonde o jnimigo estaua por fugir denos, ediziaa / gente que elle fr. Ant.º Rogara ao jnimigo que oLeuasse prezo pera qlhe não im / putassem culpa, enãodicessem que fugiadenos, equeheraCouza notoria que elle / SeCommunicaua, eCorria-Comoinimigo, Ecom elle uiuia, e estaua — Disse mais / que fr. Manoel dos occolos que assiSeChamaCommummente fradedaordemde / S. Paulo anda ha m<sup>tos</sup> annos nas partes dePernambuco Com negros eCaza, etrato Como / qualquer homemSecular sendoSacerdote pregador emoraua iunto ao porto Caluo — este trauara amizade etratoCom os oLandezes, eheraSeoValido conforme todos / Diziam eteue m<sup>to</sup> boa occaziam deSe Retirar ComMathias de albuquerque / quando todosSe Retiraram pera as alagoas por o PortoCaluo não ofes, E / Deziam q heraConseruador dodito Fr. Ant.º, eelle-Seo, ehera notorio que elle / Dittofr. Manoel tratauaComia, ebebiaCom os oLandezes — Dissemais / que op<sup>e</sup> Lourenso da Cunha sacerdote pregador natural de Pernambuco hindosse / Com agente Retirando Seo irmão Luis depaiua Com-SuaCaza pera as alagoas lhe / Sahira aoCaminho Segundo-fora notorio e publicaVox efama, eq. lhedicesse onde / hia queSe Retiraçe que os oLandezes nãofaziam mal aninguem, eque hera / m<sup>to</sup> boa gente, equeSe tornassePeraSuaCaza que não auia Lei que obrigasse / ahir morrer, equeSe tornou, eque odito Lourenço daCunha Sefizera parocho / Eprouizor em S. Ant.º do Cabo epuzera aesmola das missas aSincostoes edaua Licença / pera Confessar, eal não disse eao-Custume nada eaSinouCom os<sup>or</sup> Bpo eu / oConegoFran.º glz queoescreui oP<sup>e</sup> Manoel dias deCarualho — oBispo — / Manoel Martins daCosta quedisseSer natural deViana eassistente em / Pernambuco De treze annos aesta parte euindo do Recife auera oito ou / Des dias em hum pataxo em que oinimigo oueyo deitar nestaCosta, eidade / De quarta etres annos Christam uelho pella graçadeDeos, epera em tudo dise / uerdade, eterSegredo oque m.º Selhe encarregou eterSegredo lhefoi dado / iuramento dosSanctos eVangelhos em que posSua mão sub cargo do qual / assi o prometeo — Perguntado SeVio ououuiu alguaCouza qlhe parecesse / mal Respondeo que no que tocua ao oLandesherege q faziam obras dehereges

463v// EDamais maldita gente quedeue aVer no Mundo — equeno / Recife estam agora Cantidade dejudeos publicos portugueses que / Vieram deoLanda estauam naquellas par-



*Duarte  
Saraiua*

tes, outros Christãos novos / De que não Sabe Couza má —  
Somente Duarte Saraiua Christam nouo / que Se ueyo deflan-  
des Pera Pernambuco no principio das guerras iudeo / publi-  
co emora no Recife, edizem publicamente q em Sua Caza Sefas  
/ Sinagoga ehe homem ia Velho demais demeya Estatura cheo  
de Cans / Dizem q he tio degaspar demendon sa Christam  
nouo, edejoão de Mendon / sa moradores em Pernambuco,  
ede Manoel de Saraiua muito Rico q esta / em Madrid —

*Gaspar  
Ruis*

E gaspar Ruis que ia esteue em Pernambuco Reputado / en-  
tam por Catholico, e ueyodeo Landa pera o Recife a Vera dous  
oures / annos judeo descuberto ao qual nomes passado  
uindosse elle test.<sup>a</sup> embarcar / ouiuo dizer que hera judeo

*Daniel*

pella graça de Deos — ea outro iudeo / chamado Daniel aque  
não Sabe nome de Christam, na terra ouuiodizer / que auiam  
de uir tomar aelle S.<sup>or</sup> Bpo ea Rastalo por queder a Voto na  
inquitissam queo queimassem, emostraua falar Como iudeo  
em odio denossa Sancta / fee, oque elle test.<sup>a</sup> Sofreo mal,  
e Com zelo denossa Sancta fee lhedisse / que nunca Deos lhe  
auia mostrar isso dos olhos — Perguntado pello / procedi-  
mento dos Clerigos, e Religiosos que andão La fora de Seos  
most.<sup>ros</sup> / E Sefoi alguém Cauza da nossa gente e indios  
e Se hirem pera os inimigos / Disse que Clerigos auia La que  
não dezemparraram Seos freguezes, epuzeram / Suas uidas

*Fr. João  
Coelho*

emm.<sup>to</sup> Risco edignos de Sua Sanct.<sup>e</sup> lhes fazer m.<sup>tas</sup> merses /  
— Equanto aos frades Soo Conheço Fr. João Coelho do Car-  
mo quediziam an / daua fora de Seo mosteiro, epregaua, enão  
Conheço outro Religioso algum / E no Recife agora teue  
noticia q setomou hua uiade Cartas, epapeis delle / S.<sup>or</sup> Bpo  
que hiam pera o Reino em hua Carauela que os inimigos to-  
maram / ELa Se Vio as test.<sup>as</sup> e Couzas que alihiam Contrafr.  
Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>ra</sup> equem tes / temunhara De quem<sup>to</sup> elle test.<sup>a</sup>  
e outros Se espantaram de que ouesse / frade que tal Comettesse  
— Etambem Setomou nadita Carauela hum / Papel sem hir  
assignado em q<sup>e</sup> Sedaua Contado estado desta terra, e Se / De-  
zia que estaua necessitada e Com pouca defensade Soldados  
que quatro / flamengos apodiam tomar, falauam mal delle-  
S.<sup>or</sup> Bpo, edogouerna / dor ede Pero Cadena Sendo tudo men-  
tira Como agora elle test.<sup>a</sup> ue / Com os Seos olhos, enão Sabe  
quem tal escreveu nem aquem, ou Sefoi / Deitado o papel  
perahir amão do inimigo com titulo dedizer que / era

<sup>404</sup>// Era papel pera hir amão de Sua Mg.<sup>e</sup> e elle testemunha  
tem / que foi maldade de quemo escreveu por Seos Respeitos  
que teria / Particulares eal não disse, eao Costume nada,

eassinou Com o senhor / Bispo, e eu o Conego Fran.<sup>co</sup> glz  
que escrevi — Manoel Martins da / Costa — o Bispo

/ Aos onze dias do mes de julho de mil e seis centos e trinta  
e sete annos / nas Casas do Ilm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Dom Pedro da Sylva Bpo  
do Brazil tirou o ditto senhor / Comigo o Conego Franc.<sup>o</sup> glz  
a testemunha abaixo nomeada a Cercado o P.<sup>o</sup> / fr. Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>ra</sup>  
prezo na Cadea desta Cidade, e eu o Conego Franc.<sup>o</sup> glz que / o  
escrevi — Manoel dias de andrade Tenente general da guer-  
rada / Capitania de Pernambuco, de idade de Cincoenta e hum  
annos, aquem os<sup>or</sup> / Bispo Deo o iuramento dos Sanctos e Van-  
gelhos, e prometeo dizer uerdade / Perguntado Se Conhece afr.  
Ant.<sup>o</sup> Caldeira prezo na Cadea desta Cidade e que / Sabe de Seo  
procedimento Disse que Vai em Dous annos que tomou o Por-  
to / Caluo, e ao outrodia depois da batalha em quem o reo-  
Dom Luis de Roxas mes / tre de Campo general que obuscaua-  
Com cuidado aodito fr. Ant.<sup>o</sup> por quanto hum / Dia, meyo  
despido foi Com m<sup>ta</sup> pressa decendo aescada a tempo que elle  
test.<sup>a</sup> a Subia, edizendo lhe donde Vai Vs.<sup>a</sup> assim, Respondeo  
afr. Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>ra</sup> tenhamo / tenhamo, e enganou se por que  
o frade que uira não hera aquelle senão outro / q Logo Subio  
elhe falou, e depois ouiu o seu Secretario que o ditto Dom Luis  
tra / zia ordem para o prender, e Com Sua Chegada ali causou  
o dito fr. Ant.<sup>o</sup> grande / aluorço pera mal, e em especial em  
Martim ferreira Sargento mayor eg.<sup>dor</sup> / do terso portuguez  
que agora está em Serecipe Del Rei, e outros q o seguiam /  
Dizendo huns e outros que hera traidor o ditto fr. An.<sup>to</sup> e o mayor  
inimigo que / tinhamos Com o inimigo e que Requeriam a elle  
test.<sup>a</sup> que então governaua / por Ser ia morto o ditto Dom Luis  
que prendesse / aodito fr. Ant.<sup>o</sup> não tornar / ao inimigo  
Senão que aquião ali de matar, e por quanto o Secretario do /  
o Landes, e outros estauam ali Captiuos, e elle se foi logo depois  
de falar / Com elle test.<sup>a</sup> falar Com elles, então se Leuanto  
aquelle Reboiço, e martim / ferreira leuou da espada dizendo  
que ohia matar ao que a Codio elle / test.<sup>a</sup> e Recolheo o frade  
a Si eos apazigou, e o mandou honestamente ao / Conde Bonholo  
Aalagoa / pera o entregar ao Vigairo geral que ali / estaua,  
Manoel de Azeuedo, edisse a elle test.<sup>a</sup> que uinha donde

<sup>404v</sup>// estauam os o Landezes equenotara tudo o da Suas forsas  
/ e que Vinha dar a Viso aodito Dom Luis mas q hera morto /  
o da a elle test.<sup>a</sup>, e o ditto Sargento mordezia que era espia  
dos / o Landezes e Como tal uinha ali tratar Com os ditos  
prezioneiros / e quedo dito fr. Ant.<sup>o</sup> não Sabe mais por uir  
elle test.<sup>a</sup> auia pouco tempo de Portugal, e depois disse a elle

Fr. Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>

test.<sup>a</sup> oCapp<sup>am</sup> franc.<sup>o</sup> du / arte Com occaziam deSedizer em PortoCaluo que oditofr. Antonio / mandara matar aqui hum homem queo trouxerada alagoa q / tinhaCartadoditofr. Ant.<sup>o</sup> que auia dematar aindaSeis nos quaes / entraua Mathias de albuquerque, eMartimferreira eque aelle / test.<sup>a</sup> lhe perdoaua por queo trataraComCortezia eal não disse / eaoCustume nada, eassinouCom os.<sup>or</sup> Bpo, eeu oConego Franc.<sup>o</sup> glz / queoescreui — Manoel dias de andrade — oBispo —

/ Aos trintadias do mes dejulho demil eSeis centos etrinta, eSete/annos nasCazas do jllmo.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bpo Dom Pedro daSylua tirou as test.<sup>as</sup> / Comigo escriuão, eeu oConego Franc.<sup>o</sup> glz queoescreui — oCapp<sup>am</sup> Martim/Soares de idade quedisser deSincoenta ehum annos pouco mais oumenos / test.<sup>a</sup> aquem o jllm.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bpo Deo oiuram.<sup>to</sup> dosSanctos eVangelhos em q.<sup>e</sup> pos / Sua mão, eprometeodizer uerdade — Perguntado-SeSabe ou sospeita / pera que hechamado ouSelhefalou alguem quedicesse oufalasse aVer / dade — Disse q. lheparresseSera emRezão doP.<sup>e</sup> fr. Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>ra</sup> por elle test.<sup>a</sup> assistir na guerra de Pernambuco, — EperguntadoSeconheço adito / fr. Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>a</sup>, Eo queSabe deSeo procedimento — Disse q. SiConhece por / hir desta Bahya aPernambuco edo aRayalde Paranamerino, equeLa / em Pernambuco andando otpo lhe ouuiu dizer elle test.<sup>a</sup> entrehua Roda / DeCappitaens emSerinhaem estando por nos, eoinimigo em Poiuca / Disse as palauras Seguintes oditofreiAnt.<sup>o</sup> Eu fui a Poiuca falarCom aquelles / Senhores entendendo os oLandezes claramente noquedeo m.<sup>to</sup> escandaloa / elle test.<sup>a</sup> eaos que mais estauão presentes, geral menteSedisser q. desta / Viagem trouxera m.<sup>tos</sup> passaportes dos inimigos, eque os andauaVendendo / Eistohera publica Vox efama — Eelle test.<sup>a</sup> eoutras pessoasSe a / fastauamdelle uindo do jnimigo Com quemSe tinhaficado, entãoSe / quis RetirarComMathias de albuquerque podendo, etendoSe Retirado.

<sup>405</sup>// SeosCamaradas q Se Retiraram pera aAlagoas, Elle test.<sup>a</sup> eoutras pessoas / SedesViauamdelle por queo tinham por apostata, eexcomungado na Sua / opiniã, eistoSendo entã morto depoucoDomLuis de Roxas edezia agente / Dos moradores doPortoCaluo queficaram empoder do jnimigo que pregandolhes / oDitofr. Ant.<sup>o</sup> antes que entrasse aoSer-mão noPulpito que encomendaua / aos nossos ali moradores que ContrebuessesCom afinta q aquelles senhores / falando dos oLandezes, lhe tinham posto Com m.<sup>ta</sup> puntualidade defarinha, / Vacas, Nurrã eoutras couzas, deSeo tributo

Fr. Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>a</sup>

— E que quando ueyo ao / Porto Caluo, morto DomLuis, foimurmurado oditofr. Ant.<sup>o</sup> de pessoas Cappitaens / E delle test.<sup>a</sup> (q assi o entendeo), que uinha por espiado jnimigo que assi o / mostrauão as accoens, emodo que ellemostraua, eque elle test.<sup>a</sup> lheVio, eassi / Oiulgou equis logo Vizitar osecretario doSigismundo general do inimigo que / tinham ali prezo, epor parecer m.<sup>to</sup> mal oditofr. Ant.<sup>o</sup> aelle test.<sup>a</sup> eaos mais / Cappitaens eaoSargento morMartimfr.<sup>a</sup> ensistiram Com otenente general / Manoel dias dandrada mandasse prezo aodito fr. Ant.<sup>o</sup> eoRemettesse aoConde / DeBanholo que estaua na alagoa, eassi ofes — Efoi publicaVox efama / que quando Mathias de albuquerque passou pello PortoCaluo pera aalagoa / oditofr. Ant.<sup>o</sup> Conuocara, epersuadiria ant.<sup>tos</sup> homens dos nossos honrados que / Sefossem acastelar as naos dos inimigos, eassi ofizeram alguns, eSepresuadirão / quehera melhor aamizadedos oLandezes queRetiraremseCom os nossos, ehua / das dittas pessoas Sedezia q hera Ant.<sup>o</sup> de abreu honrado, eRico q fora prouedor, / Damizericordia em Pernambuco, edeoutros, Eque o mesmo Fr. Ant.<sup>o</sup> Sefoimeter / nas ditas naos com oinimigo — EtambemSedizia, queVindo prezo odito / Fr. Ant.<sup>o</sup> quizera noCaminho matar ahum homem queotrazia, eSedis que / que omandou matar, equejoão de albuquerque, eNuno demelo, e M.<sup>el</sup> / Coresma Carneiro poderam dizer delle, eoutros qelles diram, fran<sup>co</sup> barreto / eSimão Pita, eiacinto defreitas eal não disse, eacustumenada E / assinouCom os.<sup>cr</sup> Bpo, eeuoConego Fran<sup>co</sup> gonsalves queoescreui — Martim / Soares — oBispo

/ Aos vinte enovedias do mes dejulho deSeis centos etrinta eSeteAnnos / na Bahya nasCazas ondeVive oIllmo.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> Bpo Dom Pedro daSylua, estando / ahi prezente pareceoSendoChamado porSe entender que tinha noticiado / negocio abaixo declarado, oReverendo P.<sup>e</sup>Mestre Fr. joão Cardozo / pregador eReligioso daordemdeS. Fran<sup>co</sup> daCustodia das ilhas terseiras

<sup>405v</sup>// DoConvento de Angra Ora estante nestaCidade dejdade quedisseSer / DeSincoenta eSinco annos Sacerdote Epera em tudo dizer uerdade lhe / foi dado uiramento dosSanctos evangelhos Subcargos do qual prometeo / Dizer uerdade — Perguntado SeConhece ofr. An.<sup>to</sup> Cald.<sup>ra</sup> frade / deS. Augustinho dePortugal prezo naCadea destaCidade, quehe, De / que procedimento, eComo chegou aoBrazil, eCom que licença — Disse que / SiConhecia por que auera denove perades annos, estando elle test.<sup>a</sup> Na / ilha deS. Miguel por guardiam noConvento deS. Fran<sup>co</sup> q nellaha ueyo/ ali ter odito fr. An.<sup>to</sup>

fr. An.<sup>to</sup>  
Card.<sup>ra</sup>

dejlhade Angra, eelle test.<sup>a</sup> oospedou noSeoConvento / por tres ou quatro dias passados os quaes, odito fr. An<sup>to</sup> Sefoi pera hum / Convento da Sua ordem que ahi ha, Eestando ahi hum oudous mezes Se em / barcou dali pera oBrazil, eagora os dias passados Selhedeo aqui hum / Recado de Sua parte por que onão hia uer, eRespondeo elle test.<sup>a</sup> que não / hia uer aquem estaua mal quitado ComoSedezia Com elReiECom zig<sup>ra</sup> / eassi ouuiu elle test.<sup>a</sup> aquidizer publicamente, Etambem foi notorio / epublico, najlha de S. Miguel, EAngra que pedindohum homem por / nome ThomeCorrea daCosta Licença, aoDeam SendoSedeVacante pera / Se dezemserrar osantissimo emhua festa de S. Carlos emhum Convento / Das freiras deS. Gonsalo eparecendolhe não lha Conceder emVingansa / SeConsertara ComFr. An<sup>to</sup> Caldeira que na-Pregaçam falasseContra elle / eque falara miulargo, emSeos parentes, eantepaçados, estando elle dito / Deam presente, que por engano foi persuadido aquefosse Lá Sobreo / que escreveu aCamera de Angra, eoCabido daSee, eoDeam aoSeo prouincial / aLx<sup>a</sup>, edela uiera em Resposta que não pacasse adianteCom ocurso de / artes que elle dito fr. An<sup>to</sup> estava ali Lendo efossem os Padres estudantes / acabar de ouuir aPortugal, Eelleperaajlha de S. Miguel ComofoiE / Dito fica, edepois Sedisse que tiuera certa pendência Com OSeo prior do / Mosteiro da jlha deS. Miguel, equeCom istoSe embacara pera este / estado, eque uiera Ler aprincipio oditoCurso ao mosteiro de Angra qe y Depoucos Religiosos, eodeS. Miguel demuito menos, enãoSabe qLicenças / teue pera uir que nem os ditos dous mosteiros São Capazes deSuperiores / Salvo pello tempo uem algum uizitador por qSão dem<sup>to</sup> pouco Religiosos E / queSe elle tem Licenças que as deuedemostrar, eSe elle test.<sup>a</sup> as Vira / lhe parece que asConheçera SeSão uerdadeiras pella tradissão de Sua ordem / de Sam

<sup>406</sup>// DeS. Franc<sup>o</sup> elogio lheforam mostradas as que oditofr. An<sup>to</sup> apresentou / eDisse que tinhaComo consta dos autos, epor elle dita test.<sup>a</sup> Vistas disseque / pelloCurso que tinha disse lhe não pareciam legitimas, eque ofossem que / tinham esperado auia tempos, equeno annodeSeis centos eVinte enoue / estiuera elle test.<sup>a</sup> em Angra eque não ouuirafalar q lembradoSeia emF.<sup>r</sup> / Alexandre denoronha Vizitador, elhe parece q Se tal uizitador ahi ouuera / teriadelle noticia, eal não disse eaoCustumenada, eassinouCom dito S.<sup>or</sup> / eeu oLdofran<sup>co</sup> da Sylua escriuão da Cameraoescreui — fr. João-Cardoso — oBispo

/ Garcia Lopes Calheiros natural de PontedeLimaSolt.<sup>ro</sup> filho de Pascoalfilg<sup>ra</sup> E / De Maria dantas Christam uelho pella graçadeDeos deVinte eSinco annos de / idade test.<sup>a</sup> iurada aosSanctos eVangelhos em que posSuamão em<sup>to</sup> encarregado / encomendado dedizer toda auerdade, encomendado pelloS.<sup>or</sup> Bpo, eporter noticia que elledissera aoProuizor q sabia alguas Couzas tocantes afr. Ant.<sup>o</sup> Caldeira / Prezo naCadea destaCidade que andou nas partes dePernambuco — Disse / que elle test.<sup>a</sup> estiuera emPernambuco antesde-Seperder eno aRayal, / noCabo SeViera Retirado com anossa infantaria athe as alagoas edahiSe / Viera pera aqui avera Seis mezes, eque oditofr. Ant.<sup>o</sup> Cald.<sup>ra</sup> he publico enotorio / que seficara noPortoCaluo com os inimigos, eque era m<sup>to</sup> querido delles, eCom elles comia, ebebia eque elledera osantissimo ahumfilho doCalabar traidor / herege aquelle que depois colherão no Porto Caluo ainda quepedio perdãootodos / o esquarteiavam, eisto depois do ditofilho do Calabar almorsar, equepregaua / La aoshereges querendo Dizer não que pregaua bemSenão que pregaua / mal, eque os indinaua, eensitaua Contra nos etodos queriam mal aSeos / maosfeitos, equando ueyo prezo alaagoa dezia oVulgo queoquemassem / ali, por elleSer mao — E deziam geralmente nas PartesdePernambuco / que este fr. Ant.<sup>o</sup> hera putenheiro edezonraua molheres, etambem hera / Sumitigo, eCometia os homens, etambem equiSedis que quando elle foi daqui / ia haannos peraPernambuco tinhafamade-Sumitigo, epodera dizer / Deste frade faustinodaSylua que aqui aCode aCaza dePeroLeitam, eoCorrea eSeosfilhos que mora aoCarmo — Eque elle test.<sup>a</sup> tem ia testemunhado / ante oprouizor deComo oditofrademandara matar por dinheiro eatreição afran.<sup>co</sup> de azeuedo queo trouxe aqui prezo, eque tudo oque emSeo testemunho eneste passaComo nelleSeContem, eal não disse eaoCustume nada eassinouCom / Ilmo S.<sup>or</sup> Bispo eufra<sup>co</sup> da Sylua oescreui — Garcia Lopes Calheiros — oBispo

<sup>406v</sup>// Aos quatro dias do mes deSeptembro demil eSeis centos etrintaE / Seis annos tirou oIlm<sup>o</sup>S.<sup>or</sup> Bispo Dom Pedro da Sylua as test.<sup>as</sup> abaixo nome / adas Comigo escriuão eeu oConego Fran<sup>co</sup> glz que o escreui — Belchior Correa / Natural de arcos de Valdeues emorador emPernambuco eora estantenesta / Cidade de idade deSincoenta annos test.<sup>a</sup> aquem os<sup>or</sup> Bpo deo ojuramento / DosSanctos eVangelhos, eprometeodizer uerdade — PerguntadoSeConheçe / ao P<sup>e</sup> fr. Ant.<sup>o</sup>

Fr. Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>

Fr. Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>

Caldr.<sup>a</sup> ora prezo naCadea destaCidade eoqueSabe deSeo / procedimento Disse queSiConheçe por estarem emnossaS.<sup>ra</sup> deNazaret / Depois deoLinda perdida, eali estaua q.<sup>do</sup> oinimigo occupou oCabo, elle test.<sup>a</sup> / Se Retirou Com os mais Catholicos não SabeSeoP<sup>e</sup> ficou nem pera onde / Sefoi, eestando ainda elle test.<sup>a</sup> emNossaS.<sup>ra</sup> deNazaret hera publicaVox / efama que oditoP<sup>e</sup> por hua paixam depoucaSustancia atiraraComhum / arcabus ahunshomens, eque odito P<sup>e</sup> hera hum Diabo, etinhafamade / Valentam lá, epelloCaminho onde elle test.<sup>a</sup>Se deteuoito meses, edepois / ora chegou aqui ouuiu dizer geral m<sup>te</sup> que oditofradeficaraCom os oLandezes / no districto do Porto Caluo, equelhes pregaua la aSuaSeita — Dissemais / queVindosse Recolhendo Com alguans pessoasem<sup>ta</sup> gentedanossa queVinha / de tropa fugindo ao inimigo, efazendonuite no districto de Porto do Caluo / Disseram ali que odito fr. Ant.<sup>o</sup> estauanapouacamComoCalabar, eoutros / Maos etreidores aDeos, eaElRei, eDisse elle test.<sup>a</sup> eos queCom elle uinham / safemos daqui não uenha este frade, eos outros, enos Roubem, ematem / Eomesmo lhes aconselhou oVig.<sup>ro</sup> Dono daCaza ondeSe Recolheram inda / que tinha passaporte segundoSospeitaram, eaConta em que mostraua estar / tido oditofr. Ant.<sup>o</sup>, eoque aelle test.<sup>a</sup> lhe pareceo hera detreidor aSua / Mg.<sup>e</sup> eaDeos eal namDisse eaoCustume anda — Edissemais que / oiehe publico nesta terra Vox, eclamor quedaCadea onde esta mandara / oditofr. Ant.<sup>o</sup> matar por Dinheiro afran.<sup>co</sup> de azeuedo queotrouxeprezo / por lhebotar no Caminho huans algemas pera osegurar, eestamuito mal / Recebido o procedimento do ditofr. Ant.<sup>o</sup> eal não disse, eaoCustumenada E / assinouCom os.<sup>r</sup> Bpo Eu oConegoFran<sup>co</sup> glz queoescreui — Belchior Correa — oBispo

João Correa dalmeida de idade deVinteeito annos natural de Lisboa / emorador em Pernambuco eestante oie aqui test.<sup>a</sup> aquem o Bispo / Deo o iuramento dosSanctos eVangelhos em quepozSuamão, eprometeo / Dizer uerdade — PerguntadoSeConheceo ao p<sup>e</sup> fr. Ant.<sup>o</sup> Caldeira

<sup>407</sup>// Prezo naCadea destaCidade, quando estaua emPernambuco edeSeo Procedimento — Disse que oConheceo perdida oLinda emnossaS.<sup>ra</sup> deNazaret / Donde elle test.<sup>a</sup> Com os nossos seVeyo / Retirando perdido oCabo, não uiu aodito / fr. Ant.<sup>o</sup> Seficaua, oupera onde hia, eem quantoLa esteue ouia pregar edizer / missa por esmola quelhedauão, eSedezia abertamente que oditofrade m<sup>tas</sup> noites / hiaSoô daLi aSan-

fr. Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>

cto Ant.<sup>o</sup> edeSancto Ant.<sup>o</sup> pera ali por que / uiuião La huans mo / lheres, eque elle hera mui namorado, edepois que elle test.<sup>a</sup> seVeyo Recolhendo / Diziam publica, eaberta mente por os caminhos q oditofr. Ant.<sup>o</sup>SeficaraCom / os oLandezes, etratauaCom elles, / eVinhafallar aos nossos queficaram naCampanha / SemSe poderem Retirar, eque pregaua, enas pregações persuadia aos nossos Contra / Sua Mg.<sup>e</sup> Dizendo que aondeSe auião dehir que aarmada não auia deVir, eque / hiriã morrendo por essesCaminhos, eque os oLandezes heraboa gente que / Dauãoboa passagem, que prantassemSeos mantimentos peraVenderem aos ditos / oLandezes, equeCom istoSe animauão os nossos aficar podendosse algunsRetirar / equediziam quando os Religiozos ficão com os inimigos q fazemos nos — Disse mais que agoraSedis aqui publica mente, emostrandose agente escandilizada / Do dito fr. Ant.<sup>o</sup> / que elle que he hum diabo, eque mandoumatar pordinheiro / afran<sup>co</sup> de azeuedo Segundo dizem qSeChama, e que atreisam otiraramdeCaza / eopassaram departe aparteCom dous pilouros Sabb.<sup>do</sup> anoite proximo passado / PerguntadoSe omandarão daCadea pera Portugal aoditofr. Ant.<sup>o</sup> Disse que / Conforme amafama quedelleCorre lhe pareceSera peccadomortal aRiscalo / apoder dar nas mãos dos oLandezes, queSeCom ellesSeVir Seraherege, Eo / mayor inimigo doSeru.<sup>co</sup> deS. Mg.<sup>e</sup> etera geito deSe aLeuantar Comonauio / Com qual querfaour doutros, ehirse aos inimigos, epoderaSer q — Saibamuito / Delle Domingos Nunes que mora aoCarmo emS. Antonio eVeyo dePernambuco / Eoprenderam esta noite por hua Brigã em que não teueculpa, eque o / Deuem deSoltar oie, e ManoelRoisfilho de hua Veua quemora aSancto / Ant.<sup>o</sup> doCarmo, eSe achou no assalto do porto doCaluo quando o ouue, eal nãodisse / eaoCustume nada, eassinouCom os.<sup>or</sup> Bpo eeu oConego Fran<sup>co</sup> glz queoescreui — João Correa dalmeida — oBispo

/ Manoel Rois naturaldePernambuco filho de Jzabel pr.<sup>a</sup>-Veua, eora estante / nestaBahya de idade deVinte e dous annos, emorador / a Sancto Ant.<sup>o</sup> doCarmo / test.<sup>a</sup> aquem os.<sup>or</sup> Bpo Deo oiuram.<sup>to</sup> dosSanctos EVangelhos, eprometeo dizer / uerdade — PerguntadoSeConheçe afr. AntonioCald.<sup>ra</sup> prezo nestaCadea / eoqSabe deSeo proçedimento nas Partes de Pernambuco — DisseoConheçe

Fr. Ant.<sup>o</sup>  
Cald.<sup>ra</sup>

407v // Eque noCabo oVio dizerSua Missa, efazer Seos Sermões etirarSua / esmola, equando oinimigo occupou aquellaparte



elle test.<sup>a</sup> SeVeyo Re / tirandoComSua mai, eSua gente, eofr. Ant.<sup>o</sup> Segundo dito geral Se / ueyo peraSerinhaem que estaua por nos, eda hi aalguns diasSetor / nou pera os inimigos, ediziam todos em geral que elleestauaCom / os oLandezes m<sup>to</sup> amigos eUnidos, eque persuadia aos nossos q<sup>e</sup> não sefossem / eestiuessem amigos do oLandes emSuas Cazas, eComSuafaz.<sup>a</sup> que os / oLandezes fazião atodos boaComp.<sup>a</sup>, eque execuzassem os trabalhos do / Caminho, eisto hera publica Vox efama, eSe Referia geral mente E não / auia quem disso duuidasse — equando elletest.<sup>a</sup> estaua noCabo que / odito frade pregaua edezia missa contauão aelletest.<sup>a</sup> amigos Seos / epeassoas deuerdade que não estam aqui, eque não querião mal ao dito / fr. Ant.<sup>o</sup>, que elle andaua amansebado comhuamolher aLi na dita fre / guesia deS. Antonio — Eaqu agora hagrandeClamor dodito fr. Antonio mandar matar por dr.<sup>o</sup> Sabb.<sup>do</sup> anoite ahum homem quede / mandado dajustiça otrouxera prezo daquellas partes, eque estapassado / Com Duas balbas pera morrer, eque tem isto escandalizado atodo esta / terra, eque Selho entregaram ofizeram empedassos, eo aSetearam elle / parece aelle test.<sup>a</sup> queSe odito P<sup>e</sup>SeVisse agora Com os oLandezes que / sera pior queCaluino, equeo amansebamentoCom adita molher foi / publico eal não disse eaoCustume nada, eassinouCom os.<sup>or</sup>Bpo, eeuoConego / Franc.<sup>o</sup> gliz queoescreui — Manoel Rois Coelho — oBispo —

/ Testemunhas que oLdo Manoel de azeuedo prouizor EVig.<sup>ro</sup> / geral da Capitania DePernambuco tirou noPorto-Caluo por / hum auto que mandou fazer

/ Aos uinte dias do mes dejulho demil eSeis centos etrinta eSinco annos / oProuizor eVig.<sup>ro</sup> geral Comigo escriuão perguntoudeuassamente astest.<sup>as</sup> que/ forão chegadas pello auto atras dedeuassa eSeos ditos enomes SeSeguem Fran.<sup>co</sup> lopes / Dias escriuão do eccleziastico o escreui — joãodenis estante emCamaragibe / De idade deSincoenta annos pouco mais oumenos test.<sup>a</sup> iuradaaosSanctos / eVangelhos, que pello prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral lheforão dados, eprometeodizer uerdade / Eperguntado elle test.<sup>a</sup> pelloConteúdo no auto dadeuassa atras Disse queouuiu / Dizer que oP<sup>e</sup> joão Gomes fora apo-uoação do Porto Caluo, afazer otratoComo / inimigo peraefeito de estarem quietos, equeouuira dizer aomesmo Padre que os que

P<sup>e</sup> João  
Gomes  
daguiar

<sup>408</sup>// que tomauão passaporte hera peraficarem quietos, em-Suas cazas, equedezia que / elles guardauão melhor Sua Lei,

emodo de Viuer, apalaura quedauam aos queCom elles tra-  
tauam do que os nossos nossa Lei, eal não dissenemdoCustu-  
me, eassinou Com / o Prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral, eeu fran<sup>co</sup> lopes  
dias escriuão do eccleziastico o escreui — João / Denis —  
Azevedo

/ Domingos Martins feitor de BertoLameo Lins de jdade  
deVinte eSincos annos pouco / mais ou menos test.<sup>a</sup> iurada  
aosSanctos eVangelhos quepello prouizor eVig.<sup>ro</sup> / geral-  
lheforão dados, eprometeodizer uerdade Perguntado elle  
test.<sup>a</sup> pello Conteudo no auto dadeuaza atraz Disse queSabe  
ehe publico enotorio que oLdo / João gomes deaguiar Cap-  
pellão desta Cappela deS. João fora ComPedro dabreo E  
/Diogo Nunes fortes tratarCom os oLandezes que estauão-  
Senhores doPortoCaluo / que os deixassem estar quietos,  
eque assinarão retomarão passaporte, eo queLa / Conserta-  
ram não Sabe elle test.<sup>a</sup> eal não dissenemdoCustume eassi-  
nouComoProuizor / eVig.<sup>ro</sup> geral eeufran.<sup>co</sup> Lopes dias es-  
creuão do eccleziastico o escreui — Domingos/Martins —  
Azeuedo —

*P<sup>e</sup> João  
Gomes  
daaguiar*

/ Matheus Roiz homem do mar estantenestaRibeiradeCama-  
ragibeDe idade /DeVinte eSete annos test.<sup>a</sup> iurada aos San-  
ctos eVangelhos que pello Prouizor / eVig.<sup>ro</sup> geral lheforam-  
dados eprometeodizer uerdade Perguntado elle testemunha /  
geral, edeuassamente Disse que ouiuo dizer publicamente  
queo P<sup>e</sup> JoãoGomes / daaguiar fora apouação do Porto Caluo  
fazer conserto etrato pera que estiuessem / os moradores  
quietos, eforade anexassando inimigo, eforaCom alguns  
pessoas / ComofoiCom juLiam de Lima, eoutros, E omodo  
com que LaSe oueram nãoSabe / elle test.<sup>a</sup> — Eque ouiuo  
dizer publicamente queoP.<sup>e</sup> fr. Manoel daordem / dos Begi-  
nos estauanapouação adondeos inimigos estauão eal não  
disse Nem / DoCustume eassinou Com odito prouizor eVig.<sup>ro</sup>  
geral Fran<sup>co</sup> Lopes dias escriuão o es / creui — Matheus  
Roiz — Azeuedo —

*oP<sup>e</sup> João  
Gomes-  
daaguiar*

*Fr M<sup>e</sup>  
dos  
Occolos*

/ Francisco gomes Surgiam estante nesta RibeiradeCama-  
ragibe De idade de quarenta ehum annos test.<sup>a</sup> iurada aos  
Sanctos eVangelhos que pello prouizor / eVig.<sup>ro</sup> geral lhe-  
forão dados, eprometeo dizer uerdade, eperguntado geral-  
mente / pello auto dadeuassa atraz disse elle test.<sup>a</sup> q Sabe  
ehe publico, enotorio queoP.<sup>e</sup> / João gomes daaguiar Cap-  
pelam desta CappeladeS. João foi apouação doPorto / Cal-  
uo Com alguns pessoasSeculares acontratar efazer conçerto

*P<sup>e</sup> João  
gomes  
daaguiar*

Com os inimigos / que estauão nadita pouaçam, eque La assinarão os ditos Consertos, equede pois sabe / elle test.<sup>a</sup> que elle fora adita pouoaçamduas ou tres uezes mais não Sabe elle

<sup>408v</sup>// Testemunha qui eal não disse nemdoCustume, eassinou-Com odito Pro / uizor eVig.<sup>ro</sup> geral — Fran<sup>co</sup> Lopes dias escriuão oescreui — Fran<sup>co</sup> gomes — Azeuedo / Fran<sup>co</sup> Correa m<sup>or</sup> nesteCamaragibe de jdadede trinta eSinco annos pouco / mais oumenos test.<sup>a</sup> iurada aosSanctos eVangelhos que pello prouizor / eVig.<sup>ro</sup> geral lheforamdados, prometeodizer uerdade — Perguntado elle / test.<sup>a</sup> pelloConteudo no auto dadeuassa atras Disse que Sabe q.<sup>e</sup> oP.<sup>e</sup> João gomes daguiar Cappellam destaCappella foi apouoação do Porto Caluo / tratarCom osoLandezes hereges que nadita pouoação estauãoComendo E / bebendoCom elles eos gabaua em publico, eemSecreto DeSeremhomens uerdad.<sup>ros</sup> / equeguardauão apaLaura dizendooxala cumprissemos nos as nossas obri / gações da nossa Lei Catholica Como elles cumprem aSua, eque elleCometeo aelle test.<sup>a</sup> fosse ao Recife Com huans Caixas de aSuq.<sup>ro</sup> pera as uender aos / inimigos oLandezes enegocear pera ambos offerecendolhe, edandolhe hum / escrito pera Dom<sup>os</sup> fernandesCalabar pera melhor negocear, que elle test.<sup>a</sup> / não quis fazer — Eque he publico enotorio que oP.<sup>e</sup> fr. Manoelda / ordem dos Biguinos Vai eVem apouoaçam onde estaua oinimigo afalar / etratarCom elles, edizendo que hia Lasser terseiro pera quem elle queria epor elles oRespeitarem, eterem por amigo, eal não disse nemdoCustume / eassinouCom odito Prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral — Fran<sup>co</sup> Lopes dias escriuão o escreui — Fran<sup>co</sup> Correa — Azeuedo

*P.<sup>e</sup> João gomes daguiar*

*fr. M.<sup>e</sup>l dos occolos*

/ Pedro da breu estante nesta Ribeira deCamaragibe de idadedequarenta E / Sinco annos test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos quepello prouizor eVigairo / geral lheforam dados, eprometeodizer uerdade — Perguntado geralE / Deusamente pello conteudo no auto dadauassa atras Disse elle test.<sup>a</sup> q<sup>e</sup> Sabeque oP.<sup>e</sup> João gomes daguiar Cappellam desta CappelladeS. João foi apouoaçam / Doporto Caluo onde estauamos oLandezes aconcertar os consertos queCom / ellesSe trataram Com outras pessoas, enãoSabe elle test.<sup>a</sup> o queConsertaram / eodito P.<sup>e</sup> disse aelle test.<sup>a</sup> quefora La aisso,

*P.<sup>e</sup> João gomes daguiar*

*Fr. Me<sup>l</sup>  
dos  
occolos* edepois tornou La alguans uezes / eque LaComia ebebia Com  
elles eem publico os gabauadegrandes homens / deSua pa-  
laua, — E q.<sup>e</sup> he uerdade que o P<sup>e</sup> fr. Manoel da ordem dos /  
Beguinoss assiste iunto dapouoação onde esta oinimigo en-  
trando ESaindo / eCommunicandoCom elles, eaL não disse-  
nemdoCustume, eassinouCom / odito Prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral  
— Fran.<sup>co</sup> Lopes Dias escriuão queoescreui —

409 // Pero dabreu — Azeuedo

*Pe joão  
jomes  
laguiar* / Julião de Lima m.<sup>or</sup> nesta RibeiradeCamaragibe De idade  
de quarenta eSinco / annos pouco mais oumenos test.<sup>a</sup>  
iuradaaos Sanctos eVangelhos, quepello / prouizor eVigario  
geral lheforamdados, eelle porSua mão, eprometeodizer /  
uerdade — Perguntado deuassamente pello Conteudo no  
auto atras Disse elle / test.<sup>a</sup> que oLdo joão gomes daguiar  
Cappellam destaCappela deS. joão foi / Duas uezes apouoa-  
çamdo portoCaluo, onde os oLandezes estauam, eCom elles /  
tratara aquietaçem dos moradores por conserto, etrato de  
amizades, edepois delle / Vir della dissera aelle test.<sup>a</sup> que-  
fosse Lá, eem effeito foram ambos, quehe / uerdade que  
nodito diaComeram ebeberamCom elles, eque o dito P<sup>e</sup>  
assignara / os Papeis dos consertos assi, eda man.<sup>ra</sup> que  
naParaibaSe auiafeito, eal não disse / nemdo costume, eassi-  
nouCom oprouizor eVig.<sup>ro</sup> geral Fran.<sup>co</sup> Lopes dias escriuão  
escreui — JuliamdeLima — Azeuedo

*Fr. Me<sup>l</sup>  
dos  
occolos* / Amaro Nunes morador nestafreguesiadoPortoCaluo de ida-  
de detrinta / annos test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos que  
pello prouizor eVigairo / geral lhe foram dados, eprometeo-  
dizer uerdade — Perguntado deuassa / mente pelloConteudo  
no auto dadeuassa atras disseelle test.<sup>a</sup> queSabe queo / P<sup>e</sup>  
fr. Manoel da ordem dos beguinoss hia evinha alguans uezes  
apouoçam do portoCaluo onde estaua oRebelde oLandes  
eCom elles trataua eCommunicaua / ealguans uezesSendo  
buscado per alguans nossos hiaSer terseiro comohera pera /  
nãoSeremCastigados alguans nossos, enãotomarem alguns  
ogado — Equesabe / elle test.<sup>a</sup> que tendo os moradores cele-  
bradoConserto Comoinimigo peraSefazerem / E assinarem  
chamarão ao Ldo joão gomes deaguiar CappelamdaCappella  
deS. / joam queComoLetrado fosse assistir aos ditos consert-  
os, eem effeito elle foi Com / Diogo Nunesfortes, eSefizeram  
eassinarão, mas q Sua hidafoi em prol / Dos moradores, eal

*Pe joão  
omes  
laguiar*

não disse nem do Costume, e assinou Com o Prouizor E/ Vigairo geral — Fran.<sup>co</sup> Lopes dias escriuão o escreui — Amaro Nunes — Azeuedo —

/ Aos des dias do mes de Setembro de mil e seis centos, e trinta e cinco annos na Pouacama alagoa do Sul, o prouizor e Vig.<sup>ro</sup> geral M.<sup>el</sup> de azeuedo perguntou / Comigo escriuão as test.<sup>as</sup> que foram chamadas pello Conteudo no auto dedeuça / atras, e seos ditos enomes se seguiu Fran.<sup>co</sup> Lopes dias escriuão do eccleziastico / oescreui — Manoel Rabelo Vig.<sup>ro</sup> da Parrochial ig.<sup>ra</sup> de nossa S.<sup>ra</sup> da Concepção / Da Villa formosa de Serinhaem de idade de quarenta e oito annos, testemunha / iurada aos Sanctos e Evangelhos que pello prouizor e Vigairo geral he foram dados

*Pe João  
gomes  
daguiar*

<sup>409v</sup>// Eprometeodizer uerdade — Perguntado pello Conteudo no auto, dedeuassa / atras disse elle test.<sup>a</sup> que na freguesia do Porto Caluo ficara o Ldo João / gomes daguiar do qual se dezia tratava Com os o Landezes, e que ficara tambem o *pe* fr. Manoel dos occollos da ordem dos Beguinos dos quaes ouue / eha grande escandalo, eal não disse, nem do Costume, e assinou Com o prouizor / e Vig.<sup>ro</sup> geral — Fran.<sup>co</sup> Lopes dias escriuão o escreui — Manoel Rabelo — Azeuedo / Sebastian de Souto Soldado nesta guerra de idade de trinta annos test.<sup>a</sup> / iurada aos Sanctos e Evangelhos que pello prouizor e Vigairo

*Fr. M.<sup>el</sup>  
dos  
occollos*

*Pe João  
gomes  
da aguiar*

geral he foram / dados, prometeodizer uerdade, e perguntado elle test.<sup>a</sup> pello Conteudo no auto / atras disse que sabe que o Ldo João gomes da guiar foi apouoamdo / Porto Caluo onde estauam os o Landezes, e tomoudelles passaporte e assinou / em hum Liuro em que elles tomauão os concertos, e obediencia, dos que Com / elles se metiam, e que comera, e bebera Com elles, — que o *pe* fr. Manoel do Saluador da

*fr. M.<sup>el</sup>  
dos  
occollos*

ordem dos Beguinos, hia m.<sup>tas</sup> uezes apouoam / equa sempre La estaua em Comp.<sup>a</sup> dos o Landezes, e Com elles comia e bebia / de ordinario, e galhofeouão, e brindauão, e se recolhia Com o Seo predicante / no quedaua atodos os Christans m.<sup>to</sup> escandalo, e leuaua odito predicante / a Sua Caza, / e outros o Landezes, e hedaua banquetes, e tratava Com muitas / molheres o Landezas, e hedaua apax nafasse Como elles costumão, e quena / dita Sua Caza dizia odito *pe* missa sem Resguardo nem Cautela, e Com / praua e vendia Com elles uendendolhes uacas, fumo, e algodam, e que / uindo Nouas que Mathias de albuquerque Vinha de Serinhaem se / fora elle apouoam Com anoua perguntando se auia outras, e pergun-

tam / dolhe os moradores, o que auião de fazer ellehes  
diçera que elleSe / auia de Recolher ComSuas armas, eSeo-  
Sobrinho, eescauos, edefender / SuaCapa, eque assim ofi-  
zesses todos pois não auia outro Remedio E / que tudo o  
aSimadito Sabe elle test.<sup>a</sup> Como dito tem pello uerE / estar  
presente na pouaçam, eal não disse nemdoCustume, eassino-  
u / Com o prouizor e Vigairo geral — FranciscoLopes dias  
escriuão oescreui / Sebastiam deSoto — Azeuedo

/ O Aiudante Dom João garcia de estredá de idade deVinte  
eSeis / annos

<sup>410</sup>// Annos test.<sup>a</sup> iurada aosSanctos euangelhos que pello  
prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral / lhe foramdados, eprometeodizer  
uerdade, eperguntado elle test.<sup>a</sup> deuassamente / pelloConteu-  
do auto atras Disse que estandoCurandosedSuaballa emCa-  
za / DeRodrigo de barros em S. Ant.<sup>o</sup> grande ouiuo ahi dizer  
ahumSeoCamarada / per nome Ant.<sup>o</sup> paraquepassando pella  
aldea dos indios deCamaragibe ouira / Dizer aoP.<sup>e</sup> João gomes  
de Aguiar que os que matauão oLandezes Senão po-  
diam / Sahir, equedizia que tambem estaua presente Dom<sup>os</sup>  
daCosta aquem oP.<sup>e</sup> / fora dizer missa aquella aldea, eaL  
não disse nemdo custume eassinouCom / o prouizor eVigairo  
geral — FranciscoLopes dias escriuão o escreui — DomJoão  
/ garciade Estrada — Azeuedo —

*P.<sup>e</sup> João  
gomes  
daquiar*

/ OReuerendo P.<sup>e</sup> Pedro Borges pereira Vig.<sup>ro</sup> daFreguezia-  
deS. gonsalo de / Vna, de idade deSincoenta annos test.<sup>a</sup>  
iurada aosSanctos eVangelhos que / pello prouizor eVigairo  
geral lhe foram dados, prometeodizer uerdade E / pergun-  
tado geral mente pello Conteudo no auto dadeuassa atras  
Disse elle / test.<sup>a</sup> que ouuiradizer que oP.<sup>e</sup> f.<sup>r</sup> Manoel da  
ordem dos Beguinos / hia, eVinha apouaçam do Porto Ca-  
luo aondeinimigo estaua, eCom elles / trataua, eCommuni-  
cāufamiliar mente, ede todos os que tratauão, eCommuni-  
cauam auia grande escandalo, eaL não disse, edo custume  
nada, eassinouCom / oprouizor eVigairo geral — Fran.<sup>co</sup>  
Lopes dias escriuão oescreui — oVigario Pedro / Borges —  
Azeuedo

*f.<sup>r</sup> M.<sup>el</sup>  
dos  
occolos*

/ Amaro Gonsalues m.<sup>or</sup> na fregueziadoPortoCaluo, eoraRe-  
tirado pera esta da / aLagoa por Rezam do inimigo dejdade  
de deSetenta annos pouco mais ou /menos test.<sup>a</sup> iurada aos  
Sanctos eVangelhos que pello prouizor eVigairo geral / lhe-  
forão dados, eprometeo dizer uerdade, perguntado elle test.<sup>a</sup>

*P.<sup>e</sup> João gomes daguiar*  
*f.<sup>r</sup> M.<sup>el</sup> dos occolos*  
geralmente / pello Conteudo no auto atras Disse que oP.<sup>e</sup> João gomes da guiar foi alguans / uezes apouoação do PortoCaluo onde estauão os oLandezes, equeouuiu elle test.<sup>a</sup> / Dizer que odito João gomes de aguiar gabaua alguansCouzaz dos oLandezes E / queherãoChristãos eque tambemdiziam que odito P.<sup>e</sup> dissera Viua o prin / cipede Orange. mas não esta Lembrado aquemoOuuiu, equeDisso Dira / Frnco Soeiro eSeos uezinhos — E queSabe que oP.<sup>e</sup> f.<sup>r</sup> Manoel da ordem / Dos Beguinos hiaeuinha apouoacam, etratauaCom os oLandezes deordinario / equeLaSeruia demedianeiro dos nossos peraCom elles, emRezão dosCastigos / que faziam aos nossos, eaL não disse nemdoCustume, eassinouCom / oProuizor

<sup>410v</sup>// EVigairo geral Fran.<sup>co</sup> Lopes dias escriuão o escreui — Amaro glz pereira — Azeuedo Gonsalo pereira m.<sup>or</sup> q.<sup>e</sup> foi no portoCaluo, eora retirado aesta freguezia / Da alagoa de idade de uinte ehum annos test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos que pello prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral lheforamdados, eprometeo / Dizer uerdade eperguntado elle test.<sup>a</sup> deuassamente pelloConteudono / auto atras — Disse que hindo prezo do inimigo pera apouoação do / Porto Caluo, aonde esteue prezo quatro ouSinco dias, eVendo nella ao / P.<sup>e</sup> f.<sup>r</sup> Manoel, ao qual elle test.<sup>a</sup> falou quedicesse aSeo pai que / estaua ali prezo, que pedisse ao general que osoltasse, eal não disse nem / do Custume, eassinou Com o Prouizor e Vig.<sup>ro</sup> geral — Fran.<sup>co</sup> Lopes dias escri / uão o escreui — gonsalo pereira — Azeuedo.

/ Test.<sup>as</sup> q.<sup>e</sup> oLdo M.<sup>el</sup> de azeuedo Prouizor e Vig.<sup>ro</sup> geral / DaCappitania de Pernambuco tirou no PortoCaluo por hum Auto.

/ Aos onze dias do mes de Agosto de Seis centos trinta eSeis annos / nesta VilladoBom Sucesso do portoCaluo napouzadadoLdo Manoel / de azeuedo prouizor eVigairo geral Seperguntarão as test.<sup>as</sup> Seguintes / oP.<sup>e</sup> Andre Jorge p.<sup>to</sup> Secretario escriuão daCamera o escreui — test.<sup>a</sup> / gonsalo dalmeida natural daCapitania doPernambuco, edepois da / Perdida dePernambuco assistia naMurubeca, eora Rezidenteneste / quartel do PortoCaluo test.<sup>a</sup> iuarda aos Sanctos eVangelhos q lheforão / Dados pello prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral, eprometeo-dizer uerdade, eidade / Disse que hera de trinta annos pouco mais ou menos, eperguntado / DeuassamentedasCouzaz conteudas no auto edeuassa atras — Disse / que estando

ellenaMurubeca ComSua tia DonaC.<sup>a</sup> de albuquerque / Depois de Retirado Mathias de albuquerque pera aalagoas, fora elle / test.<sup>a</sup> alguns uezes ao Recife, aComprar algunsCouzas necessarias p.<sup>a</sup> / Remedio daVida, ela encontrara ahum jacomefernandesCriado em / oLanda enacido emPurtugal oqual passouComSeo pai emay p.<sup>a</sup> / oLanda, edeLa VieraCom os oLandezes aeste estado, eno Recife tratando / Com odito jacome fernandes Sefingira parenteSeo que hera iudeo

<sup>411</sup>// Eosegurara nissoemSerSeo parente, eodito Manoel-oLeuara aelle / test.<sup>a</sup> aCzadeduarteSaraiua tio de gaspar demendonsa, ejoão demendonsa / oqual tio Se auia ha m.<sup>to</sup> tempo hido p.<sup>a</sup> oLanda porSeo iudeo, epor talse / publicou no Recife aelle test.<sup>a</sup> eaoutras pessoas Como ofoi aManoel da Costa / Soares que ora assiste neste portoCaluo, eficando odito Duarte Saraiua certo / em que elle test.<sup>a</sup> hera parentede jacomefernandes lhemeteohum Liuro / nas mãos pera ler por elle que hebiblia em espanhol, dizendo q Lesse por / elle que ali acharia oCaminho daSaluaçam eque ahiSechegarão outros mansebos iudeos Conforme odito Duarte Saraiua lhedisse Dizendo q lhe hião / aSua CazaCom outros m.<sup>tos</sup> purtuguezes desta terra atratarCom elles, afazer / SuaSinagoga, eelle test.<sup>a</sup> uira entrar naCazadodito DuarteSaraiua Simão / Correa mercador, e Rodrigo aluaresdafonseca, eMiguel Rois Mendes, E / Simão Roiz irmão deVicente Roiz Villa Real, egp.<sup>ar</sup> fran.<sup>co</sup> irmão de Rodrigo / aluares, ejoão demendonsa Sobrinho dodito DuarteSaraiua, eSeo irmão / gaspar demendonsa, Bt.<sup>ar</sup> dafonseca ,os quaes elle test.<sup>a</sup> uio m.<sup>tas</sup> uezes aos / Sabb.<sup>dos</sup> entrarem nas ditas Cazas, ela estarem as portas fechadas, eSedezia / publica mente que entraua afazerSuaSinagoga, eelle test.<sup>a</sup> assio entendeo eprocuraua elle test.<sup>a</sup> Recorrer pella memoria Se auia mais alguns pessoas / e prometeo pello iuramento Recebido ter isto em-SegredoSemCommunicar / apessoas algua que estadeuassa-Se tiraua ne mtais pessoas nomeara, eal / não dissenemdo-Custume, eassinouCom odito prouizor o P.<sup>e</sup> Andre jorge / pinto escriuão daCamera o escreui — gonsalo de almeida — Manoel de / Azeuedo.

/ Testemunha Pedrofernandes Vogado m.<sup>or</sup> q haSedo nafregueziadeGuayana / Enacido nadeytamaraca filho, Legitimo queficoudoCapp.<sup>am</sup> PerofernandesVogado / test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos que pello ditto Vigairo geral lheforão dados / Deidade que disseSerdeVinte, edous annos pouco



mais oumenos perguntado / Deuassa mente pelloConteudo no auto atras disse elle test.<sup>a</sup> que ouaira dizer em Capi / baribe de Guayana, aPantaleão de araujo homem queVende etratanoditoCapibaribe / de Guayana eaAnt.<sup>o</sup> fernandes que aprendia aalfayateCom Manoel /Lopes fran.<sup>co</sup> eCriado quefoideManoel Roiz Monsanto, que noditoCapibaribe y moraua hum Diogo Roiz Cazado ahi com huafilhaouneta de Diogo Roiz /p.<sup>ra</sup> o uelho homemdenaçamSegundo odito de todos oqualtem hua filha / CazadaCom hum oLandes, queCazou depois que estam emGuayana, equeos

<sup>411v</sup>// Ditos Pantaleão de araujo eAnt.<sup>o</sup> fernandes estando-Comoutros de / que elle test.<sup>a</sup> Senão Lembra em conuercassão disseram, queo dito Diogo / Roiz tinha emSuaCaza hua toura, ouSanctoComCornos, eque em / Sexto dia daSemana hiã la outros afazerSuasSerimonias, equaes / São elle test.<sup>a</sup> onão Sabe, eal não disse do q foi perguntado, nemdo / Custume, eassinouCom dito prouizor eVigairo geral — P.<sup>o</sup> Andrejorge / pinto queoescreui — PedrofernandesVogado — Me<sup>i</sup> de azeuedo / Test.<sup>a</sup> oCapp.<sup>am</sup> Cosmedias mor quefoi nafreguezia eCapitania de / jtamaraca eretirado aesto quartel do Porto Calvo test.<sup>a</sup> iurada aos / Sanctos eVangelhos, que pello prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral lheforão dados, eprome / teo dizer uerdade, eaidade disse que hera de trinta eSinco annos pouco / mais oumenos, e perguntado deuasamente pello-Conteudo no auto atras / que todo lhefoi Lido Disse elle test.<sup>a</sup> que Sabe quedentro najlhade /jtamaraca estaMartim Lopes homemCazado ComMulher efilhos com /os quaes Se Recolheo adita ilha em conuercassão tratoE uouhuafamiliasam / Comos inimigos, eComhum heregeCazouhuafilhaSua Com as Serimonias / Dos oLandezes, eemSeu poder tem hum Liuro chamado testamento / uelho em Lingoa Vulgar eespanhola, o qual lhe deo opredicantedos / oLandezes que mora nas Cazas em que morou o Vigairo Manoel de / Azeuedo, eSabe que odito Martim Lopes uaiCom todasuafamilia / asSuas predicas Comofoihua queSefes em Caza do Brucuju, a qual / fez hum Hyeronimo depaiua portugues eherege q foi P.<sup>o</sup> da Companhia / oqual pregara q Sancto Ant.<sup>o</sup> eS.Fran.<sup>co</sup> estauão no inferno, eassi o publicou /odito Martim Lopes porSe achar presentenadita predica eque elle / ESua molher Seruem dePadrinhos Com os mais oLandezes noscazam.<sup>tos</sup> / que entre elles Sefazem — Sabe elle test.<sup>a</sup> que Dom.<sup>os</sup> Ribeiro / Serralheiro tem muitos Liuros que tras dejtamaraca q os oLandezes lhe / Dão deSua doutrina here-

tica, edelles lera, o qual tem tres filhas Cazadas / com tres flamengos hereges Recebidos Com Suas Serimonias, e Reprenden / doo elle test.<sup>a</sup> por q Cazoua Suas filhas Com o Landezes hereges, q.<sup>e</sup> as Cazasse / Com Christãos lhe Respondera que hua que tinha Cazado Com hum Pur / tugues lhe pezaua m<sup>to</sup> por quanto os o Landezes erão melhores Christãos / que os Portugueses — Esabe elle test.<sup>a</sup> que quando o P.<sup>e</sup> João batista foi a

<sup>412</sup>// foi ajlha a Resgatar hum negro q la tinha, empenhar do Seo Resgate / o qual Leou hum perdão do general Mathias de albuquerque pera todas / as pessoas q Se quizessem Sahir dando o P.<sup>e</sup> Contado q Leuaua a Martim Lopes / e aodito Domingos Ribeiro, e agonsalo Massiel genro, ecunhado elles todos tres em / lugar de aggardecim.<sup>to</sup> maquirarão que oqueimassem, e Sabendo odito P.<sup>e</sup> Seacolheo / Com amor breuidade que pode Esabemais elle test.<sup>a</sup> q João iacome por / alcunha ogalego serralheiro Cazou Com hua escrauado dito Dom.<sup>os</sup> Ribeiro por / nome Catita Com as Serimonias hereticas e Sabe que o Sobre dito galego / quando os framen gos Roubarão os frades de S. Fran.<sup>co</sup> na Ribeira de Araripe / foi na Sua Companhia e furtou hua Vestimenta Com q Sedezi amissa, eda Cazula / fizera hum gibão, edas Sanefas forrara Sapatos pera adita Catita Sua Molher / ehua filha Sua — E Sabe quenafreguezia de jguarassu Cazarão duas / filhas do aranha, e Sobrinhas dopimenta as quaes chamão as pimentinhas Com / Dous hereges eaestas ouiuo dizer elle test.<sup>a</sup> que Valia mais hum flamengo / que muitos portuguezes, e que ael Rei de espanha auião ainda Ver andar / uendendo liuros e outras Couzas pellas Ruas Com o bobo folinheiro que tal / o avião deparar os o Landezes e al não disse nem do Costume mas protestou / uindolhe a memoria mais alguma Couza adizia, e que em tanto não incorreria / no Peccado de preiuo euiro ter tambem este testemunho em Segredo E / do Costume Com todos os atras por elles nomeados Dissenada, e assinou Com / o prouizor e Vigairo geral — o P.<sup>e</sup> Andre Jorge pinto Secretario escriuão / da Camera que oescreui — Cos medias massiel — M<sup>el</sup> de azeuedo

/ Aos Catorzedias do mes de Agosto de Seis centos, e trinta e Seis annos nesta / Villado Bom Sucesso do porto Caluo nas pouzadas do L.<sup>do</sup> Manoel de azeuedo / prouizor e Vigairo geral perguntou Comigo escriuão as test.<sup>as</sup> Seguintes cuios / ditos enomes aoadiante Se Seguem — o P.<sup>e</sup> Andre Jorge pinto

queoescreui — test.<sup>a</sup> / oL<sup>do</sup> João Gomes m<sup>or</sup> emCamaragibe desta freguezia doPortoCaluo testemunha / iurada aos Sanctos eVangelhos em que pos Sua mão eprometeo falar / uerdade, eajdade disse que hera de Seçenta annos pouquo mais oumenos / e perguntado pello Conteudo no auto atras quelhefoi Lido edeclarado disse / elle test.<sup>a</sup> que estando o anno passado deSeis centos etrinta eSinco nomes / defeueireiro SegundoSua Lembrança hum Domingo aportadaCappellade / S. João dita nafaz.<sup>a</sup> q<sup>e</sup>foi deJoão Lins antemissa estando m.<sup>tas</sup> pessoas.

<sup>412v</sup>// Presentes lhederão hum escrito deLuiz demeiros Conforme aoSinal/ que traziaCom hum Liuro que tinha por titulo CatholicoReformado/Etinham Epilogo das questoes tratado dasCouzaz em q ConuimosComo/aigreja Romana, edas que nunca auemos de ConuerCom ella oqual/ escrito dizia que aquelle Liuro memandava Rodrigo de Barros pera / que elle test.<sup>a</sup> uisse Sepodia ler por elle quelhoderão euendo elle test.<sup>a</sup>/ o titulo, eargumento Disse ante todos os que ali estauão queoLiuro hera/ heretico, equeSenão podia ler por elle eonão quis elle test.<sup>a</sup> tornar adar/ aquem lho mandou pello dano que podia Rezultar nanossaSanctafee/ antes diante de quem lhodeo aestação oadmoestou aosfreguezes que/ uissem que auia Liuros hereticos, eque uissem que não pudião uzar delles/ E que lhe disserão que oditoLuiz demeiros moraua emCazadeRodrigo de / Barros — E disse mais q ficandolhe oditoLiuro emSuaMão ueyo terCom / o P.<sup>e</sup> f.<sup>r</sup> Manoel doSaluador da ordemdeS. Paulo emostrandolhe odito/ Liuro, uirão ambos que todas as questoes eRegulações delles herãoFalssas E / alguans authorities deSanctos que trazião pera as aprouarherão todas/ falsificadas, etrazidas pera prouarSeosfalsos intentos, equeodito Liuro ficara namão dodito P.<sup>e</sup> f.<sup>r</sup> Manoel, — Edissemais test.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> Sabia que/ humCappitão deCaualos oLandes LeuaradeCazadeDona Adriana hua filha/ por nome Dona Maria, eque La dizemSecazouCom osobredito porSuas Sirimoniais Scismaticas eque la estamCom elles, ambas mai efilha eal/ não disse nemdoCustume, eassinouCom odito prouizor e Vig.<sup>ro</sup> geral o P.<sup>e</sup> / Andre Jorge pinto escriuão, eSecretario queoescreui: oLdo João Gomes Daguiar — Manoel de azeuedo.

/ Test.<sup>a</sup> o P.<sup>e</sup> Martim Gicomes m.<sup>or</sup> emCamaragibe test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVan / gelhos que pello dito prouizor

lheforão dados eprometeofalar uerdade, eaidade / Disse q hera deSecenta annos pouco mais oumenos, eperguntado pelloConteudono / auto atras Disse elle test.<sup>a</sup> que uira hum Liuro pequeno namão do P.<sup>e</sup> f.<sup>r</sup> Thome / Da ordem da trindade m<sup>or</sup> em Tatuamunha nesta fregueziadoPortoCaluo o / qual hera escrito em Lingua estrangeira, equedeziã qherão os psalmos deDavid / eque odito P.<sup>e</sup> deraConta delle — Dissemãis que ellevira outro Liuro he / retico namão do Ldo João Gomes daguiar do qual ellederaConta E que / Sabe mais elle testemunha q.<sup>e</sup> Dona maria filha de dona Adriana moradoras

<sup>413</sup>// queforão nestafreguezia SeCazara cõ hum oLandez Capp<sup>am</sup> deCaualos, eque / hum predicanteSeo os ReceberãemSuaCaza eellasSeforamCom elles, ela / estã, eãl não dissenemdoCustume, eassinouCom odito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral / oP.<sup>e</sup> Andre jorge pinto queoescreui — oP.<sup>e</sup> Martim guomes — M.<sup>el</sup> de azeuedo — / Aos trintãdias do mes deSeptembro demil eSeis centos, etrintã eSeis annos / nestaVilla doBomSucesso do Porto Caluo nas pouzadas do Ldo Manoel de / Azeuedo prouizor eVigairo geral nestaCappitãnia, odito prouizor mandouchamar / agonsãlo dalmeida testemunha atras tirãdanesta deuassa perãdintedodito / prouizor, edos Reuerendos P.<sup>es</sup> oP.<sup>e</sup>Reitor Manoel fernandes, eoP.<sup>e</sup> pregadorMa / theus dias Certeficar o testemunho que tinhãdado atras, edenouo lhe tornou / odito prouizor adãoiurã.<sup>to</sup> dosSanctos eVangelhos, elhe encarregoufalasse / Verdade eelle oprometeo fazêr, eomesmo iurãmento tomarão os Reuerendos P.<sup>es</sup> / assina Referidos daComp.<sup>a</sup> dejhs De ter Segredo nodito test.<sup>o</sup> eno mais que / declarar — Perguntãdo elle test.<sup>a</sup> pello testemunho quedeoãtras que todo / lhe foi Lido deVerbo ad verbum, Disse qse Retificãua ao testemunho que tinhã / dado que passãua naVerdade enão tinhã quedeminuir Do quenelle tinhã / dito, eotornãria aRepetir Senecessãrio fosse, eque não tinhã quemudar, E / queSoo acrescentãua quedepois dodito testemunhodãdoã fora ãcampãnhã efa / lamdoCom hum primoSeo chamãdo joão Soares filho de donaCaterinãde / albuquerque molher q foi do Ldo Manõel Nunes, o qual joão Soares auã / hido ao Recife, eperguntãndolhe elle test.<sup>a</sup> o que passãua acerca da Sinãgoga / odito joão Soares lhedisserã que hã de cada ues perã pior, eprometeoSegredo / Com odito prouizor, eassinou, / eCom os ditos Reuerendos Padres — Eu o Padre / Andre jorge pinto, escriuão daCamera que tenho iurãmento terSegredo

nas / Couzas de importância, eSegredo de justiça, enas Cauzas do Sancto officio por / Comissão do Reuerendo P.<sup>e</sup> prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral que escreui — Gonsalo de / almeida — Manoelfernandes — Matheus dias —

/ Retificação Do testemunho assina / Elogo depois de assinar adita test.<sup>a</sup> assina Com os Reuerendos P.<sup>es</sup> daComp.<sup>a</sup> / oP.<sup>e</sup> Reitor Manoelfernandes, eopregadorMatheus dias, Respondeo o P.<sup>e</sup> / Reitor sendo perguntado pello prouizor eVigairo geral depois deRecolhida a / dita test.<sup>a</sup> que hera o que iulgauadeSeo testemunho, eo q<sup>e</sup> lhe pareciaSe / falaua uerdade, Respondeo q<sup>e</sup> lhe parecia falaua uerdade, eoP.<sup>e</sup> Matheus dias / perguntado tambem Respondeo q<sup>e</sup> lhe parecia adita test.<sup>a</sup> falaua uerdade / no que tocava ao testemunho, mas Reparauanadeclaração q<sup>e</sup> fes emdizer Sehera / Christão uelho ounão, por quedisse quedapartedeSuamaiheraChristão uelho,

413v // EquedapartedeSeo pai heraConhecido, eassi Senão declarou, nemlhe / tomamos no testemunhoSeo dito pello que odeclaramos nesta Retifica / ção, o qualhe qSe tinha por-Christam uelho athe agoraEassinarão como / dito prouizor euig.<sup>ro</sup> geral oP.<sup>e</sup> Andre jorge pinto que oescreui — Manoel fernandes — Matheus Dias — Manoel deazeuedo

/ Test.<sup>a</sup> fran.<sup>co</sup> Carneiro Crioulo daCazadaVeuuu jzabel depavia, edeSeofilho / fran.<sup>co</sup> Carneiro dafreguesia da jlha dejtamaraca, eoraSargento, que disse / Ser dePantaleam dias outrosi Crioulo, eCapp.<sup>am</sup> nesta guerradeidade que / disse Ser de trinta annos pouco mais oumenos test.<sup>a</sup> iuradaaos-Sanctos / eVangelhos, que pello prouizor eVig.<sup>ro</sup> gerallheforão dados, eprometeo falar / uerdade, eterSegredo Eperguntado elle test.<sup>a</sup> deuassamente pello Conteudo / no auto atras Disse que estando prezo pellos oLandezes najlhade jtamaraca, pello tempo da quaresma, eque pella Pascoa que apassada pro / ximafes tres heCometeu esteuãoLuis Serralheiro, e genrodedom<sup>os</sup> Ribeiro / outrosiSerralheiro q fosse aig.<sup>ra</sup> dadita ilha aouuir apredicados oLandezes / ao que elle test.<sup>a</sup> Respondera que nãohia atais pregações, equeo-dito esteuão / Luis LeuaraSua Molher MariaCarneira aesta, ela estiuerão ambos athe / omeyodia, eque elle test.<sup>a</sup> os vira hir eVir, eentrar nadita ig.<sup>ra</sup>, eque / emSuaComp.<sup>a</sup> fora João da Rosa Soldado q.<sup>e</sup> fora namesma ilha Com os / Portuguezes quando ella estaua em guerra aonde oditificara quando o / inimigo atomou, eque tambem ouiuo dizer aManoel Go-

mes, e aMartim / Lopes... filhos de Martim Lopes assistentes nadita ilha Com osoLandezes / queSeoCunhado Gonsalo Maciel, eSua mulher izabelCarneira ComSuaSogra / Maria Gomes hião tambem ouuir as pregações dos oLandezes, etambem os so/ breditos lhe decerão quehia mais todos os domingos as pregasoens dos oLan / dezos Christão ferreira — eque elle test.<sup>a</sup> uira amuitos Portuguezes hir a / jlha Comprar euenderComosframengos os quaes lhe Leuauão-farinhas, eman / timentos da terra, como An.<sup>to</sup> Moreira-Sapateiro de Araripe, e Ant.<sup>o</sup> bras homem / solteiro Seo-Cunhado, e fran<sup>co</sup> dias filho de Ant.<sup>o</sup> dias portozelo, egaspar grasia / eDomingos pinto moradores em Araripe, e fran.<sup>co</sup> daSylua marinheiro, efran.<sup>co</sup> / SoaresCunhado degaspar gracia, eque Dom.<sup>os</sup> fernandes mestredeaSua.<sup>re</sup> / que nodito tempo moraua em Araripeforadar aViso aos oLandezes pera / hirem darSobre os nossos no Teperussu eal não disse nemdoCustume, Somente / aan.<sup>to</sup> bras, efran.<sup>co</sup> da Sylua não tinhaboia uontade por elles oacuzaremdiante Do oLandes

414// Do oLandes elhe pedir queoenforcassem por que elle os auiadedes cobrir / mas queCom tudo iuraua uerdade eprometeoSegredo eprotestou dizer oque / mais lhe Lembrasse, eassinouCom odito prouizor eVig.<sup>to</sup> geral — oP.<sup>e</sup> Andre iorge — pinto escriuão queoescreui — Defrancisco + Carneiro — Manoel / Deazeuedo —

/ Retificação do testemunho do Capp.<sup>am</sup> Cosmediaz

/ Aos uinte etres dias do mes deoutubro demileSeis centos etrinta eSeis annos / nestaVilla dobomsucesso doPortoCaluo nas pouzadas do Ldo. Manoel de azeuedo / prouizor eVig.<sup>to</sup> geral destaCappitania dePernambuco perante elleprouizor pare / çeo oCapp.<sup>am</sup> Cosmediaz quefoi chamado por mandado dodito prouizor estando / tambem presentes oReuerendo P.<sup>e</sup> Manoelfernandes ReitordaComp.<sup>a</sup> dejhs E / porSeo companheiro oR.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> pregador Matheus dias, eSendolhe perguntado pello / dito prouizor depois de Lido oSeo testemunho / que atrasfica escrito deVerbo ad / Verbum Se estaua odito testemunho escrito damanr.<sup>a</sup> que elle test.<sup>a</sup> o tinhadado / eSe tinha quediminuir ou acrescentar / oumudar, disse que não tinha quedemi / nuir, nem mudar, nem acrescentar no que tinha testemunhado antesdenouo / disomesmo eoRetefica, edebaixo domesmo iuram.<sup>to</sup> prometeoSegredo,

edoCustume / disse nada, estando atudo presentes por honestaseReligiosas pessoas os ditos E / Reuerendos P.<sup>es</sup> assim nomeados que iurarão terSegredo, edizer uerdade, assinarão / Com odito Capp.<sup>am</sup> Cosmedias test.<sup>a</sup> Reteficada, eCom odito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral, E / eu oP.<sup>o</sup> Andre jorge pinto, escriuão daCamera, edoSegredo doSancto officio queo / escreui — o Capp.<sup>am</sup> Cosmedias Massiel — Manoel fernandes — Matheus dias — Manoel de azeuedo

/ Elogo noditodia eora depois de Recolhida atest.<sup>a</sup> assinada Cosmedias / perguntouodito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral aos Reuerendos P.<sup>es</sup> assim Referidos E / assinados selhes parecia que adita test.<sup>a</sup> falaua uerdade, eSelhe pode dar Cre / dito aSeo testemunho Respondeo o Reuerendo P.<sup>o</sup> ManoelfernandesReitor que / esta test.<sup>a</sup> Seuiadeitado Com os oLandezes, edelleouera naquelle tempo Ruim / fama mas quedepois Se Reduzio, eRetirou ao nosso quartel em talforma E / Com tais Sinaes devem Reduzido por peleiarContra o jnimigo no mesmo tempo / queSe Retirou, etamValerozamente q Selhe deohua gineta Com aquaE / armasfoi aCampanha Contra o oLandes pello q lhe parece / q Soubebem oque La / passaua, eque fala uerdade, EoReuerendo P.<sup>o</sup> Matheus dias disse tambem / omesmo, eassinarãoCom odito prouizor e Vig.<sup>ro</sup> geral, oP.<sup>o</sup> Andre jorge pinto que / o escreui — Manoelfernandes — Matheus dias — Manoel de azeuedo.

<sup>414v</sup>// Emomesmo dia assim Referido tornou a meza odito-Capp.<sup>am</sup> assim no / meado eRetificadoCosmedias depoisde-Recolhidos os Reuerendos Padres E / DisseSub carrego de juramento q lhedeo odito prouizor e Vig.<sup>ro</sup> geral prometendo / Segredo, efalar uerdadeDisseSeguinte — Disse queSabe queDona / Vitoria demoura Molher q ficoudeMathiasfurtado moradores emjguarassu / Cazara Com hum oLandesherege-Com asSerimonias oLandezasCompadrinhos / emadrinhas oLandezes — sabemais que MariadaCunha Molher de / Christam ferreira moradores na ilhadejamaraca foraSermadrinha / dehuafilha deDom.<sup>os</sup> Ribeiro Serralheiro outrosimorador najlha fora / Ser madrinha quando aditafilhadoRibeiro CazouComhu flamengo herege / que CazaramCom asSerimonias hereticas — Sabe mais queBento gazzo / genro de Domingos Ribeiro oueradeSuaMolher hum filho estando na / jlhaCom os oLandezes, eobautizara o perdicantados oLandezesComSuasSere / monias porem quedepoisSefora aos P.<sup>es</sup> daComp.<sup>a</sup> que estauão uezinhos àVilla / de jgua-

rassu, equeComSeo Conselho delles o tornara abautizar Com os ditos pa/ dres eSerimonias da ig.<sup>ra</sup> Catholica, efoiSeo padrinho João gomes filho que / ficoude An.<sup>to</sup> Bras morador naCappitania dejtamaraca — Edissemais / q hindo elle test.<sup>a</sup> estaSegunda ues aCampanhaContra os oLandezes entraram / emCaza dehumCriado deChristam pais daltro emSancto An.<sup>to</sup> doCabo, elhe / acharam entrefazendas deContrabando Liuros hereticos, eque osLiuros os / tomara humSoldado por nomeManoel de azeuedo, quedizemSer estudante / Dizendo odito q herão hereticos, eq Senão podia Ler por elles, equenãoSabe quem / oie os tem, nem elle test.<sup>a</sup> sabe onome doditoChristam paes ealnão dissenem / doCustume, edeclarou pello ditoSeo iuramento que eraChristamuelho inteiro / que por tal esperaua emDeos morrer, eassinouCom oditoprouizor eVigario / geral, op.<sup>e</sup> Andre jorge pinto que escreveu — o Capp.<sup>am</sup> Cosmedias Massiel / Manoel de azeuedo —

/ Testemunha fran.<sup>co</sup> frz portel morador emCapibaribedeGuayana na / tural quedisseSer da uilla deportel em Alentejo, e Christam uelho que / DisseSer inteiro test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos aquem odito pro / uizor deo ojuramento, eprometeofalar uerdade, eaidadedisse queherade / Sincoenta edous annos pouco mais oumenos — eperguntado elle testemunha / Pello Conteudo no auto atras disse que elle ouira por m.<sup>tas</sup> uezes dizer a

<sup>415</sup>// DonaCaterina assi orachamada molher deJoão uinhaes oLandes E / Rebelde filha deLusiano brandão m.<sup>or</sup> na Taquara Cappitaniadejtamaraca / que anossa Lei nãoheraboa, eque ados oLandezeshera aVerdadeira, eaboa / equalhe aborrecia uer ospurtuguezes diantedeSi, eporque não tomauão os /Purtuguezes eos não enforcauão atodos, ESabe que ellaSe RecebeoCom odito /João deVinhaens com asSerimonias de que uzão os ditosframengoshereges, / eSemSacerdoteRomano, eSabe que aSobreditahiaComSeo marido as / predicashereticas tanto queouuiohua pessadeSinalComo nosCustumamos / quando ouuimos osSinos pera amissa, epreçam, eassi dissemais elle / test.<sup>a</sup> que uira tambem hir as mesmas perdicas huans tias Suas dadita /DonaCaterina irmans deSuamai hua por nomeDona Luiza CazadaCom / hum aRenegado qSechamaua / Hyeronimodepaiua quedizemfoi padre / DaComp.<sup>a</sup> EoutraCazada qhe Com outro oLandesComissario, as quaesSe Rece /beramCom ellesCom as mes-



mas Serimonias hereticas — Disse mais elle test.<sup>a</sup> / que Miguel Arnao oLandes ouflamengo denação, eCazado em Portugal na / Cidade de Lx<sup>a</sup> pella ordemda Igreja Romana Comfilhos efilhas estando em /Guayana neste tempo outrora elle test.<sup>a</sup> alguans uezes acharse nas predicas doshereges eque nãoSabeSehiaConstrangido seVoluntariamente — emais / Sabia que hua filha deDiogo Roiz pereira por alcunhaoLargatixa iadefunto / CazaraComhum oLandes por nome joão guterres estando emCazadeSeoCunhado / Diogo Roiz pereira sendo elledito Diogo Roiz pr<sup>a</sup> omosso, eSeofilhoCazamen / teiros, eCorretores desteCazamento, eSeCazarão tambemCom asditas Seremo /nias hereticas emCazadededito Diogo Roiz pereira, equeSeo irmão della / Bertolameo daCosta festeiaram m<sup>to</sup> oCazamento eSeprezauados oLandezes / eos Louaua em tudo, equeSabe que estes todosCunhados, eirmãoseSobri/nhosSão Christãos nouos — Mais Disse elle test.<sup>a</sup> queouira dizer a / joão de araujo tabaliam enjtamaraca, eoradeprezente escriuão no juizo / eccleziastico q hindo huafilhaSuadepouca idade por nome jzabel aCaza / De Diogo Roiz pr<sup>a</sup> omosso aSima Referido, eentrando emhua Camaradentro /adonde tinha hum oratorio Com alguans imagens uira entre ellas estar /huafigura dehumbezerrinho, eperguntando adita minina asfilhas do / dito Diogo Roiz pereira q hera aquillo viera outra filha mas uelha/eatirouCom as outras pella mão peraforadaCamera dizendo q aquillo / herãohunsSanctinhos, q he publica uox efama que assi odito Diogo Roiz

<sup>415v</sup>// PereiraoMosso Comosua molher efilhas, eSeosCunhados Bertolameo/ daCosta, eDiogo daCosta, e An<sup>to</sup> pereira que todos judaizam — Disse /Mais elle test.<sup>a</sup> quesabe que no tempo q oCapp.<sup>am</sup> Camarão foiSitiar o / Reduto dos oLandezes de Capibaribe de Guayana, uirahumRol q mandou / ao CappitãoCamarão emque Diogo Roiz pr<sup>a</sup> assim Referido, eSeoCunhado / Brm<sup>eu</sup> daCosta edioogo daCosta, EAn<sup>to</sup> pr<sup>a</sup> irmãos e cunhados do DitoDiogo Roiz pr<sup>a</sup> efernão deSouza Requerendo nelle aodito Capp<sup>am</sup> /Camarão mandasse prender os sobreditos por que avizarião aogd<sup>or</sup> / oLandes que estauanaParaiba, que acudisseComSocorroContraos / nossos, eque este Rol eescrito trouxera Bastião frz m<sup>or</sup> na Taquara / Mas nãoSabe quem oescreueo, mas odito o podedizer quemlho /mandou trazer, eq dem.<sup>tos</sup> maisCazamentosSabe mas nãoSabe por / que ordemSefizerão, oquedizião Seos uizinhos, eal não dissenem /doCustume, eprometeoSegredo debaixo do

iuramento q<sup>e</sup> Recebeo E / assinou Com odito prouizor e Vig.<sup>ru</sup> geral — o P.<sup>e</sup> Andre jorge pinto escriuão da Camera, e Secretario destes negocios do Sancto officio que o / escreui — Fran.<sup>co</sup> fernandes portel — Manoel deazeuedo.

/ Retificação do testemunho de fran.<sup>co</sup> frz portel —

/ Aos Sinco dias do mes de novembro de mil e Seiscentos, etrinta e Seis annos / Nesta Villa do bom Sucesso do porto-Caluo em as pouzadas do Ldo Manoel dazeuedo / prouizor e Vigario Geral desta Cappitania estando prezenteo Reuerendo P.<sup>e</sup> / Manoel fernandes Reitor da Comp<sup>a</sup> de jhs, eo Reuerendo P.<sup>e</sup> Diogo Caluo Seo / Companheiro perante o dito prouizor, edos Reuerendos P.<sup>es</sup> edemim escriuão pa / receo fran.<sup>co</sup> fernandes portel q. foi chamado demandado do dito prouizor / pera Retificar o testemunho que tinhado quarta ou quinta feira / Semana passada uinte e noue ou trinta dias do mes de outubro o qualhe / foi Lido de Verbo ad Verbum por mim escriuão, e perguntado pello dito pro / uizor setinha no dito testemunho alguma Couza que deminuir ou a Crescentar / ou Seestaua na Verdade escrito como elle test.<sup>a</sup> otinha testemunhado — Disse elle / test.<sup>a</sup> que não tinha que deminuir nem tirar que estaua na Verdade Como / elle tinha testemunhado, e que a Simdenouo o Retificaua, e affirmaua pello / iuramento que denouo Recebera, e que denouo acrescentaua por lhe Lembrar / Depois, o seguinte — que elle test.<sup>a</sup> ouuira dizer agaspar bayão, ea Salvador Moreno

<sup>416</sup>// Moreno de Chaves, que tanto q Cazara jzabel Ramires filha de Diogo / Roiz pereira o Velho por alcunha o Lagartixa Com João guterres o Landes / Logo uendera as Contas por onde Reza uadizendo que as não auião mister / e largara outrao portugues, e Sepuzera ao Landeza Louando m.<sup>to</sup> aos o Landezes / e Seo trato, vida e Custumes, e al não disse e prometeo Segredo de baixo do iura / mento que auia Recebido, edo costume não dissenada, etudo Retificado, edito / de Nouo disse diante dos ditos Reuerendos padres assim nomeados que tambem / tomaram iuramento dos Sanctos e Vangelhos de guardar Segredo e Se / assinou Com odito prouizor eos ditos p.<sup>es</sup> pessoas honestas e Religiosas, E eu / P.<sup>e</sup> Andre jorge pinto escriuão da Camera eccleziastica, edo Segredo do Sancto / officio nesta Cappitania de Pernambuco que o escreui — fran.<sup>co</sup> fernandes / Portel — Manoel frz — Diogo caluo — Manoel deazeuedo —

/ ERecolhida atest.<sup>a</sup> aSima Logo odito prouizor fes pergunta aos ditos Reuerendos / P.<sup>es</sup>, Reitor Manoelfernandes, eDiogo caluo que hera oquelhes pareciado / testemunho assimia, eRetificação delle defran.<sup>co</sup> fernandes portelSelhes parecia / q falaua uerdade, eSelhe podia darCredito ao que Respondeo oR.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Reitor / Manoel frz qlhe parecia q falaua uerdade, e que selhe podia dar credito porser Christão uelho, eparecer bom Christão, eoR.<sup>do</sup>P.<sup>e</sup> Diogo Caluo disse o mesmo quelhe parecia falaua uerdade eparecerlhe pessoadebom-Conceito / oque disserão debaixo de juram.<sup>to</sup> q Receberão prometendoSegredo, eassinarão / Com odito prouizor — oP.<sup>e</sup> Andre jorge pinto escriuão daCameradoSegr.<sup>do</sup> / doSancto officio queoescreui — Manoelfrz — Diogo caluo — Manoel / de azeuedo

/ Aos Sinco Dias do mes deNouembro deSeis centos etrinta eSeis nesta / Villa do bom Sucesso do Porto Caluo nas pouzadas do Ldo Manoel de azeuedo / estando ahi odito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral, eos Reuer.<sup>dos</sup> P.<sup>es</sup> Reitor Manoel — fernandes oP.<sup>e</sup> Diogo Caluo Seo Companheiro por mui / honestas, eReli / giozas pessoas perante odito prouizor, eosditos Reuerendos P.<sup>es</sup> edemim escri / uão pareceo Pedro frz uogado q foichamado per mandado dodito prouizor / eVig.<sup>ro</sup> geral pera Retificar o testemunho que tinhadado no pr.<sup>o</sup> Caderno / asfolhas duas, navolta efimdella, e principio de ters.<sup>a</sup> eno mes de Ag.<sup>to</sup> / proximo passado, oqual todo lhefoi Lido pormim escriuão de Verbo ad Verbum — / Disse elle test.<sup>a</sup> que pello iuram.<sup>to</sup> qlhefoidado p.<sup>lo</sup> dito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral.

<sup>416v</sup>// que otestemunho que tinhadado estauana Verdade, eperguntada / Pello dito prouizor Se estaua o Seo testemunho assi edamaneira que / elle tinha testemunhado, ouSe tinha quedeminuir ou aCrescentar / nelle disse q não tinha q diminuir nem aCrescentar que oque tinha / dito passaua na Verdade, eassi oRetificaua pello iuram.<sup>to</sup> q Recebo E / prometeoSegredo, eassinouCom odito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral, eCom os / R.<sup>dos</sup> P.<sup>es</sup> assimia ditos oP.<sup>e</sup> Andre jorge p.<sup>to</sup> escriuão daCamera, eSegr.<sup>do</sup> / doSancto officio q oescreui — Perofrz Vogado — Manoel fern.<sup>des</sup> / Diogo Caluo — Manoel de azeuedo —

/ Elogo hida adita test.<sup>a</sup> o Prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral fes pergunta aos R.<sup>dos</sup> / Padres q hera o q lhe parecia do testemunho eRetificação delle de Pedro Frz Vogado se lhes parecia q

falua uerdade ao q Respondeo oRd.º P.º / Reitor M.º frz  
qlhe parecefala uerdade eomesmodisse oR.º P.º Diogo /  
caluo — oP.º Andre jorge pinto qoescreui — Manoel frz  
DiogoCaluo — / M.º de azeuedo

/ Aos Seis dias do mes de Nouembro demil eSeis centos  
etrinta eSeis / annos nestaVilla dobomSucesso do Porto-  
caluo nas prouzadas do L.º / Manoel de azeuedo prouizor  
eVigairo geral nestaCappitaniadePer / nambuco, odito proui-  
zorComigo escriuão perguntou atest.º a Seguinte oP.º Andre  
jorge pinto escriuão daCamera, eSecretario doSancto officio  
queo / escreui — Testemunha joão de araujo mosso da-  
Camera deS. Mgd.º / em.ºr q foi em aCappitania dejtamaraca,  
enella tabalião do publico, eju[di]cial, enotas eescriuão dos  
orfaons, ealmotaçaria daCappitaniadaParaiba / eChristão  
uelho quedisseSer inteiro, test.º iurada aosSanctos eVange-  
lhos / aquem odito prouizor deo ojuram.º Sub carrego do  
qual prometeofalar / uerdade, edeidade quedisseSer de qua-  
renta eSinco annos poucomais / oumenos — Perguntado elle  
test.º pelloConteudo no auto que esta / no principio do  
prim.º quaderno Disse elle test.º que naRibeira de / Guayana  
donde elle test.º hera, tirado aeste quartel auia m.ºtas pes-  
soas / Seculares queComprauão euendião SuasCouzas Com  
os oLandezes, eas Leuauão / auender ao Recife, aSaber joão  
Roiz da guillar, eAndredeTaidefilhode / An.º detaide, Berto-  
LameodaCostaSueiro, PantaLeão de araujo, Salua / dor Mo-  
reno deChaues todos moradores na Rib.ºa da Guayana —  
ESabe

417// Elle test.º porSerCouza publica Cazar jzabelRamires  
daNaue filha q / ficou deDiogo Roiz prº oVelho Lagartixa  
de alcunha Com hum oLandes / herege per nome joão gú-  
tterres Com asSerimonias hereticas, equo gºr dos / oLan-  
dezes os Recebera, equo Gpºr bayão mºr nadita Ribeira  
deGuayana / lhedissera aelle test.º eaoutras pessoas que  
odito gºr perguntara adita jzabelRamires / Danaue em q Lei  
queria uiuer, eq Ellalhe Respondera quenadeSuaSenhoria,  
equo / Logo adita seVestira ComCota oLandeza eSeComuni-  
cara logoCom elles Comm.ºta / familiaridade odiandoSempre  
os Portuguezes eq Sabe que adita jzabelRamires / hede na-  
ção Hebreá, equo auia alguans mormurações deSe judeizar  
emCaza / De Diogo Roiz prº omosso Cunhado della, emcuia-  
Caza ella uiuia aotempo q Cazou / Com odito oLandes —  
Disse mais qº hindohuafilhadelle test.º por nome jzabel / de

idade deoito pera noue annos aCazado ditto Diogo Roiz pr<sup>a</sup> omosso afolgar / Com outras Mininas efilhasSuas, eentrandoComasditas mininas defora E / DeCaza emSuaCamera uira estar hum altar com dous castissais com duas uellas / e entre ellas uira hua bezerrinha dourada ComSeos corninhos trossidos, edentes aRega / nhados, edizendo adita minina ahua dasfilhas mayordo ditto Diogo Roiz pereira / pera que tinha ali aquellaBezerrinha ella lhe Respondera q Sahissem p<sup>a</sup> fora / que não hera nada eque isto lheContara aditaSua-filha izabel anoite estando / Recostado naCama, eque elle test.<sup>a</sup> lhedissera q não dicesse nada — Disse mais q Luciano brandão m<sup>or</sup> na Taquara emhumSeo engenhoCazara huafilha-Sua / por nome hoie DonaCaterinabrandoa, aqualfora Recebida pellasSerimonias / hereticas, eq Sabe que adita uiue hereticamente SemConfissão nem Sacramento / algum da igreja Romana ehe inimigo de todos os Catholicos, Eque elle test.<sup>a</sup> / aVira hir porduas uezes emSua Rede apredicados hereges, equeduas tias daSobre / dita irmans deSuamai Cazarão Com hereges huaCom Hyeronimo depaiua / herege q<sup>e</sup> foi P<sup>e</sup> daComp<sup>a</sup> eaoutraCom ocomissario aquem nãoSabe onome / nem aellas, eque Dom<sup>os</sup> Ribeiro Serralheiro m<sup>or</sup> najlha dejtamaraca tinha / Cazado tresfilhas com tres oLandezes hereges eque tambemforãoCazadasCom / Serimonias hereticas — Disse mas que estando elle test.<sup>a</sup>noCapibaribe de / Guayana auira mormurar de ajuntam<sup>tos</sup> q faziãohomens denação emCazade / Diogo Roiz pr<sup>a</sup> omosso, eemCaza de Antoniodetaide q moraua iunto aoRio de / Tracunhaem entreaaldea de Tapessarica, eTapesunama, eq estes aiuntamentos / Sefazião aoSabb<sup>dos</sup> eaosdomingos dias emq elles nãohião amissa deque tambem / herão notados, eos que andauão nestes aiuntamentos, herão An<sup>to</sup> deTaide eSeos / filhos AndredeTaide, eoutros dousCuios nomes não sabe, e Diogo Roiz pr<sup>a</sup> omosso

417v // Edous CunhadosSeos Brm.<sup>eu</sup> daCosta e An.<sup>to</sup> pr.<sup>a</sup>, eal não dissenemdo / Custume, eprometeoSegredo debaixo de-Segundo iuramento q pelldito pro / uizor lhefoidado, eassinouCom odito prouizor oP.<sup>e</sup> Andre Jorgepinto / escreveu / daCamera, eSecretario doSancto officio q.<sup>e</sup> oescreui — João de araujo — M.<sup>el</sup> / de Azeuedo — Depois deter assinado otestemunho assimadissemmais elle / test.<sup>a</sup> q chegando em-omes de Marso deSeis centos etrinta eSinco Segundo / Sua Lembrança a Caza deM.<sup>el</sup> Roiz Monsanto m.<sup>or</sup> que aotempohera emCapi / baribe de Guayana, chegando aportadadita-

Caza ouuira dizer ahumSobr.º / deSimão Correa homemdenação que auia uindo deoLanda, fugituo de / Espanha pera La / q lhe pareciaSenão podiaSaluar pella agoadobatismo q / auia Recebido oque estaua dizendo emComp.ª de oLandezes, eportuguezes que / elle nãoConheceo porSeSahir LogoSem falarCom elles, eque estehomemhe / Denação Hebreasobr.º dehum mercador deoLinda chamadoSimãoCorrea / De todos os desta terrabemConhecido, eque este anno se embarcoupera oLan / da em os nauios oLandezes q Sahirão do Recife, eassinouCom odito prouizor pro / metendoSegredo debaixo dodito juram.º o P.º Andre jorge p.º escriuão daCamera / edoSegredo doSancto officio queoescreui — João de araujo — M.º de azeuedo / Aos Sete dias do mes deNouV.ºdemil eSeis centos / etrinta eSeis annos / nestaVilla do bomSucesso do PortoCaluo nas pouzadas do Ldo M.º de azeuedo / prouizor eVig.º geral nestaCappitania dePernambuco, enas mais do norte / estando tambem prez.ºes os Reuerendos P.ºes ManoelfernandesReitor da / Comp.ª de JHS, eporSeoCompanheiro oP.º pregadorMatheus dias por / honestas, eReligiozas pessoas perante odito prouizor eosditos R.ºos P.ºes / pareceo João de araujo test.ª assima nomeada q foimandadochamar pello / dito prouizor pera Retificar o testemunho q assima eatras deu em osSeis / dias deste presentemes de NouV.ºo qual test.º lhefoi por mim escriuão / todoLido deVerbo ad Verbum, epello dito prouizor lhefoi perguntado peran / te os ditos P.ºes Se estaua odito test.º assi, edam.ª que elle odera, eSetinha / quedeminuir ou / acrescentar nelle, disse que não tinha q deminuir nem / acrescentar Soo declaraua q aonededis queSabeno dito test.º nãofoi pello / uer mas q morauaVezinho, equeVio as pessoas q La entrarão eSahirão / Donde Receberão os Sobreditos, eq tambemfora conuidado p.ªSeachar La / oque não quis fazer, aquefoi publico enotorio por todas as pessoas q Se / acharão presentes ao Recebimento, eal não disse / eassinouCom odito / Prouizor

418// Prouizor, eos R.ºos P.ºes — oP.º Andre jorgepinto q oescreui — João / de araujo — Manoelfrz — Matheus dias — Manoel de azeuedo — / Elogo depois de Recolhida at.ª assima deo odito prouizor ojuram.º aos R.ºos / P.ºes q Subcarrego delle declarassemSelhe parecia que esta test.ª falaua uerdade / elogio pello dito Reitorfordito q lhe parecia quefalaua uerdade, eSelhepode / darCredito eomesmo Respondeo

oP.<sup>e</sup> pregador Matheus dias, eprometerãoSegredo / debaixo do iuram.<sup>to</sup> que Receberão, eassinarãoCom odito prouizor, oP.<sup>e</sup> Andre / Jorge p.<sup>to</sup> escriuão daCamera, eSecretario do-Sancto officio queoescreui — M.<sup>el</sup> / fernandes — Matheus dias — Manoel de azeuedo —

/ Testemunha G.<sup>par</sup> bayão natural daVilladeSeteuual M.<sup>or</sup> q.<sup>e</sup> foi emGuayana / o hora Retirado aeste quartel, Christam uelho quedisse Ser inteiro emestre / Darmas test.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos quepellodito prouizor lheforão / dados eprometeofalar uerdade de idade quedisse Ser de quarenta eSeis annos / pouco mais omenos — Eperguntado elle test.<sup>a</sup> pelloConteudo no auto / atras Disse queSabe pello uer queVzauão dasSerimonias eRitos hereges E / hião asuas predicas hua filhade Lucioanobrandão moradora nataquara Cappitania Dojtamaraca aqualSechama Catherina eoie Dona Catherina CazadaComjoão / uinhaes oLandes, eduas tias Suas irmans deSuamai huã por nome Dona / Nissia, eoutra Dona Joana, huã dellas q chamão Dona Joana CazadaCom / hum oLandes que chamão Vicente deVanbrg., eaoutra por nomeDonaNissia / foiCazadaCom Hyeronimodepaiua P.<sup>e</sup> qfoi daComp.<sup>a</sup> ehua filhabastarda / Mulata quedizemSerdefran.<sup>co</sup> Carreiros, aquem elle test.<sup>a</sup> nãoSabeonome / aqualheCazada comhum oLandes por nomeBertholomeo, eque estashião as / Suas predicas aos Domingos quando sedaua osinal que hera desapararemSua / pessa, eque quandohião as ditas predicas hiãoComSeos maridos, eq sabe que / aSobre dita DonaCatherina hera m.<sup>to</sup> grande inimigados Purtuguezes E / os accusaua tanto queoproprio maridolhefora amão dizendo-lhepera que / accusauaSeos naturais poishera portuguesas-Como elles, eq naCazadodito / oLandes VicentedeVanbrg. uira elle uzar dehumCalix em LugardeCopo E / hua patena, epor ellebeuião, epor elleobrigarão abeber, equeno mesmo / Guayana Rio deCapibaribe Cazara Jzabel Ramires filhade-Diogo Roiz / pr.<sup>a</sup> oVelho Com hum oLandes pornomejoão Gutierrez, etodas estas assim / Ditas cazarão pelasSuas Serimonias hereticas, epellosSeos governadores / eque / aos Cazamentos dadita Jzabel Ramires edas duas irmans aSima

<sup>418v</sup>// Ditas fora elle test.<sup>a</sup> obrigado dos oLandezes — Disse-mais elle / testemunha que aelle lhedissera Pantaleão de-araujo Mansebo q.<sup>e</sup> uendia / emCapibaribe quehum mansebo q fora Criado de Manoel Roiz Monsanto / Seencontraram-Com odito Pantaleão de araujo no Recife, elhedicera q.<sup>e</sup>Se

embar / cara naParaiba p.<sup>a</sup> oLanda dondeViera outra vez  
aeste Recife feito judeo / encarecendolhe uinha naSua Lei  
hebreia grandeChristão dizendohemais / que oditoSeo amo  
Manoel Roiz Monsanto hera judeo circuncidado E / que em  
quanto estiueraCom elle emCapibaribe hião aSua Rossa q  
tinha / meya LegoadoditoCapibaribe aoSabbados fazerSua-  
Sinagoga Com alguns / Moradores deLemite deGuayana os  
quaes elle lhe não quizera nomear / etudo isto dira odito  
Pantaleão de araujo — Disse mais ellet.<sup>a</sup> que ouira / Dizer  
ajoão de araujo q huaSua minina pornome Jzabel uira na-  
Caza / DeDiogo Roiz pereira omossohua tourinha, eal não  
dissenemdoCustume / Somete q Suamolher delle t.<sup>a</sup> hera  
molher, digo hera parentadamolher / DeDiogo Roiz pr.<sup>a</sup>  
omosso, eprometeoSegr.<sup>do</sup> debaixo deSegundo iuramen.<sup>to</sup> /  
que odito prouizor lhedeo, eassinouCom odito prouizor, oP.<sup>e</sup>  
Andre iorge / p.<sup>to</sup> escriuão daCamera Eque tenho aCargo  
escreuer osSegr.<sup>dos</sup> doSancto / officio queoescreui — Gaspar-  
bayão — Manoel de Azeuado —

/ AosSincodias domes deDezembro demil eSeis centos, etrin-  
ta eSeis / annos nestaVilla do bomSucesso doPortoCaluo nas  
Pouzadas do Ldo / Manoel de azeuado prouizor euig.<sup>ro</sup> geral  
estando elle presente eos R.<sup>dos</sup> P.<sup>es</sup> / da Comp.<sup>a</sup> de Jhs por  
mui honestas eReligiozas pessoas, aSaber oR.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> / Reitor  
Manoelfernandes, eSeoCompanheiro oR.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> DiogoCaluo  
perante / os sobreditos pareceo atest.<sup>a</sup> assim assinado Gp.<sup>ar</sup>  
Bayão quefoichamado por m.<sup>do</sup> dodito Prouizor, elogo pello-  
dito prouizor lhefoifeito pergunta / Se o testemunho assim  
por elle assinado estaua assi e damaneira q / o elle tinha  
testemunhado, edepois de eu escriuão lho Ler deVerbo ad /  
Verbum disse que pello iuram.<sup>to</sup> que Recebeo diantedos ditos  
R.<sup>dos</sup> / P.<sup>es</sup> damão dodito prouizor, que otestemunho estaua  
assim eda / maneira que elle test.<sup>a</sup> otinhadito, etestemunha-  
do, eque nãotinha / mais que acrescentar nem deminuir nelle,  
eSenecessariohe quede / Nouo odis, eRetifica, prometendo  
em tudoSegredo, edoCustumedisse o / assim dito noseo  
test.<sup>o</sup> atras escrito, eassi assinouCom odito prouizor E /  
Vigairo geral, eCom os Reuerendos P.<sup>es</sup> quetambem prome-  
teram

4:3// Segredo debaixo do iuram.<sup>to</sup> que tomarão oP.<sup>e</sup> Andre  
jorge p.<sup>to</sup> escriuão / daCamera, eccleziastica, eque tenho  
aCargo escreuer as couzas tocantes aoSancto / officio nesta-  
Cappitania, q o escreui — Gasparbayão — Manoel ferman-



des / Diogo Caluo — Manoel de azeuedo — / Elogo depoisde  
Recolhida atest.<sup>a</sup> deo odito prouizor eVig.<sup>ro</sup> geral o iuramen-  
to / aos Reuerendos P.<sup>es</sup> SubCarrego do qual lhes encarre-  
goudeclaracem oquelhes / parecia do testemunho atras de  
G.<sup>par</sup> bayão Sefalaua uerdade, ouSelhes pare / cia que anão  
falaua, ao que Respondeo oReuerendo P.<sup>e</sup> M.<sup>el</sup> frz Reitor-  
da / Comp.<sup>a</sup>dejhs quelhe pareçiafalaua uerdade, eomesmo-  
disse R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Compa / nheiro Diogo caluo, eprometerão-  
Segredo eassinarãoCom odito prouizor — oP.<sup>e</sup> / Andre jorge  
p.<sup>to</sup> queoescreui — M.<sup>el</sup> frz, Diogo Caluo — M.<sup>el</sup> de azeuedo

/ Testemunhas que oLdo Manoel deazeuedo prouizor eVig.<sup>ro</sup>  
geral

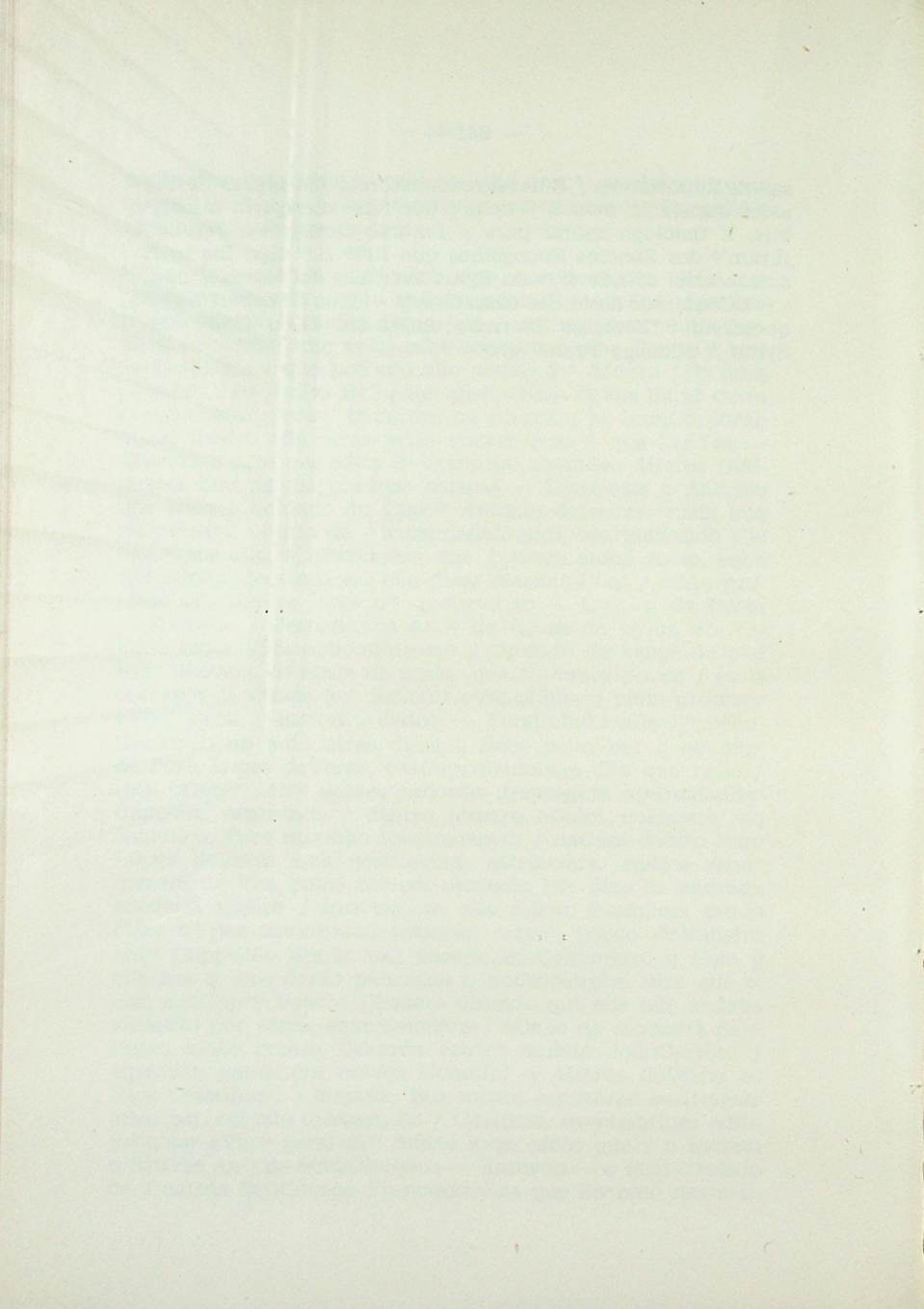
/ DaCappitania dePernambuco tirou noPortoCaluo porhum  
auto

/ Ao primeiro dia do mes de Outubro demil eSeis centos  
etrinta eSeis annos / NestaVilladobomSucesso do PortoCaluo  
em as pouzadas do Ldo M.<sup>el</sup> de azeuedo / prouizor eVig.<sup>ro</sup>  
geral, osobredito prouizor Comessou atirar estadeuaga pello  
auto / atras Comigo escriuão o P.<sup>e</sup> Andre iorge p.<sup>to</sup> que  
oescreui — Testemunha Luiz / da Costa Capp.<sup>am</sup> dehua-  
Companhia demulatos dejidade deVinte etres annos pouco /  
mais oumenos testemunha iuradaaosSanctos eVangelhos,  
eprometeo falar / uerdade perguntado pelloConteudo no  
auto atras disse elle test.<sup>a</sup> q Sabe q.<sup>e</sup> o alferes / Pero frz  
daComp.<sup>a</sup> do Capp.<sup>am</sup> Belchior delgado, oufran.<sup>co</sup> delgado  
tomara na Taquara / emCazadeLuciano Brandão hua uesti-  
menta m.<sup>to</sup> Rica ComSua estoLa, equeSabe / qhum indio  
que p.<sup>er</sup> nome / não perca lheVeyo trazer hua borla no Vena-  
blo, aqual / foidehumCappello de hua dalmatica, equePero-  
fernandes alferes assim Referido / tras huns Cordoes nas  
Bombachas q forão deVestimentas — Disse mais elle / test.<sup>a</sup>  
que elle trouxera hua dalmatica que tinha manifestado aodito  
prouizor E / Entregue emSuamão, oqual achara naCamade  
G.<sup>par</sup> francisco homendenação, / porSimadoLansol, estendi-  
da, eporbaixo dosCobertores demodo qheficaua / porSima-  
doLansol deSima, oque lhe estranhou m.<sup>to</sup> porSerhomem-  
denaço / eoVer Communicar m.<sup>tas</sup> uezesCom os iudeos  
descobertos, os quaes tinhamSinagoga / No Recife — Disse-  
mais que elle uiu trazer do eng.<sup>o</sup> deLucianobrandão da /  
Taquara hua pedra dara, e hum missal nouo eSabe que  
ueyo na Comp.<sup>a</sup> do Capp.<sup>am</sup> / morCamarão, equeVierão  
huans Reliquias q são dous ossos hum deSanctaSin / foroza,

eoutrodeoutro martyr, osquaes elle test.<sup>a</sup> emchegando ao quartel da / aldeia aonde estaua os entregou aoP.<sup>e</sup> Cappellão, epor horaSabe que os tem

419v// Henrique dias, dizendo que querfazercom elles hua procissão E Sendo / que anãofassadaraContadelles eassi entregou iuntam.<sup>te</sup> aodito Cappellão / Afonso ferr.<sup>a</sup> hunsCorporais ehumVolante enão sabe acantidade dos Corpo / rais — Disse mais que pedindo elle aodito P.<sup>e</sup> Afonso f.<sup>rra</sup> hum pequeno /Daquellas Reliquias ellehedisse euVos darei outra q osSeruem<sup>to</sup> pera / trazerdes na guerra q he humCorporal, oqual lhedeo elle otras pello encare /cim<sup>to</sup> que lhe fes — Eassimais sabe que odito P.<sup>e</sup> Comprou ahumSeo Alferes /feli-pebras hua patena portuas patacas — Dissemais q Antonio dos Rios / Soldado do Cpp<sup>am</sup> Antonio defreitas trazia hua uestimenta, avestia de / irmandadebranca, eperguntando elle test.<sup>a</sup> por ella, ellehedissera que / adera ahum indio, eque elle atinha iacortada eal não disse eassinouCom / odito prouizor oP.<sup>e</sup> Andre iorge p<sup>to</sup> queoescreui — Luis + da Costa — Azeuedo / Testemunha An.<sup>to</sup> de Souza da Sylua ora estante nesta Villa dobomSucesso / Soldado daComp.<sup>a</sup> deJoão Roiz deSouza de idade de uinte equatro annos pouco / mais oumenos t.<sup>a</sup> iurada aos Sanctos eVangelhos q pello prouizor eVig<sup>to</sup> geral / lheforão dados — Perguntado elle t.<sup>a</sup> pello-Conteudo no auto atras disse q Sabe pello uer q no engo de Pero Lopes deVeras, enaCappelladobom Jhs que nelle / está oCpp<sup>am</sup> An.<sup>to</sup> gomes taborda despregara aportadadita-Cappella, eentrando / dentro tomara oCalix, eoLeuara, eq oaiudante Pero marinho tomaradentro / naCaza dodito Pero Lopes deVeras hua uestimenta, eatrouxera, eadera emo/ quartel de Vna oulha tomara otenente M.<sup>el</sup> dias de andrada eSedezia nodito / quartelCom ella missa, Etambem ouiuo dizer q<sup>e</sup> namatadoBrazil tomarão / hum pouco dedinheiro aoP.<sup>e</sup> Cappellão Simão uas dacera, eaoCaldeireiro q Com y elle hia q lhes derão pancadas q noCaldeireiro uira elle t.<sup>a</sup> dar, eqoCpp<sup>am</sup> Sancto /lhedera dizendo que elle não andaua aliSenão por espiã, equedistodera / oCabo de esquadra Santiago, ejoão gomes Taborda eoutro mulato JoãoCarreto / equejoão gamaCom outros Comofoi o Alferes doViana eo Rios Castelhana / tomarão hua mossa eapuzarão emResgate aSeo pai, eal não disenem do / Custume, eassinouCom odito prouizor eVig<sup>ro</sup> geral oP.<sup>e</sup> Andre iorge pinto que / o escreveu o Alferes An.<sup>to</sup> de Souza da Sylua — Azeuedo — o qual treslado de / culpas EuoConego Francisco Ghs que Escreuo nas cau-

sas de importancia / E deSegredo, oescreui Em algumas destas  
asfiz transladar bem E / fielmente por ferra clerigo in mineri-  
bus, E theologo moral para / Emtudo terSegredo recebeo  
juram<sup>to</sup> dos Sanctos Euangelhos que Ill<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> Bpo lhe leuE  
as concertei cõ Ldo fr.<sup>co</sup> da Sylua Escriuão daCamera / dod.  
s.<sup>or</sup> E Coadjutor desta See desta Cidade — Euo Conego fr.<sup>co</sup> gh.<sup>s</sup>  
oescreui / E comigo Escriuão daCamera o Ldo fran.<sup>co</sup> da-  
Sylua / o Conego Fran.<sup>co</sup> gh.<sup>s</sup>



*Testemunhas Inqueridas*

Amaro Gonçalves Pereira  
Amaro Nunes  
Antonio Caldeira da Mata  
Antonio de Souza da Silva  
Belchior Correa  
Belchior dos Reis, padre  
Cosme Dias Maciel  
Domingos Cabral Baçalar  
Domingos Martins  
Francisco Carneiro  
Francisco Correa  
Francisco Fenandes Portel  
Francisco Gomes  
Frutuoso de Miranda, padre  
Garcia Lopes Calheiros  
Gaspar Bayão  
Gonçalo Pereira  
Gonçalo de Almeida  
João de Araujo  
João Cardoso, Rev. Padre Mestre  
João Correia de Almeida  
João Denis  
João Garcia, Dom  
João Gomes, Licenciado  
João de Siqueira  
Joseph de Soto, Capitão  
Julião de Lima  
Luis da Costa  
Manoel Dias de Andrade  
Manoel Dias de Carvalho, Padre  
Manoel Martins da Costa  
Manoel dos Passos, Padre  
Manoel Rabelo  
Manoel Rodrigues  
Matheus Roiz  
Pedro de Abreu  
Pedro Borges, Padre

Pedro Fernandes Vogado  
Pedro Martins Gomes  
Sebastião do Souto

*Denunciados*

Adriana Aires Pereira  
Andre de Thaide  
Antonia Soares  
Antonio de Abreu  
Antonio Bras  
Antonio Caldeira, frei  
Antonio Moreira  
Antonio Pereira  
Antonio dos Rios  
Antonio de Thaide  
Baltasar da Fonseca  
Bartolomeu da Costa  
Bartolomeu da Costa Sueiro  
Bento Gozo  
Catharina Brandoa  
Christam Pais Daltro  
Christovão Ferreira  
Daniel, judeu  
Diogo da Costa  
Diogo Nunes  
Diogo Rodrigues Pereira, o moço  
Diogo Rodrigues Pereira, o velho  
Domingos Fernandez  
Domingos Pinto  
Domingos Ribeiro  
Domingos Saraiva  
Fernão de Souza  
filha de Francisco Carreiros  
Francisco Dias  
Francisco da Silva  
Francisco Soares  
Gaspar Bayão  
Gaspar Francisco  
Gaspar de Mendonça  
Gaspar Rodrigues  
Gonçalo Maciel  
Isabel Carneira  
Isabel Ramires

Jacome Fernandes  
Jeronimo de Paiva  
Joana casada com o holandês Vicente de Vanbrg  
João Coelho, frei  
João Gomes de Aguiar, padre 238,  
João Jacome  
João de la Faya  
João de Mendonça  
João Rodrigues de Aguilar  
João da Rosa  
João Soares  
Julião de Lima  
Lourenço da Cunha  
Luciano Brandão  
Luis de Meirelles  
Luis Serrão  
Luis Serralheiro  
Luiza, tia de Dona Catharina  
Manoel dos Oculos, frei  
Manoel Gomes  
Manoel de Moraes, padre  
Manoel Rodrigues Monsanto  
Maria, filha de Dona Adriana  
Maria da Cunha  
Maria Gomes  
Mathias fidalgo  
Martim Lopes  
Miguel Arnas  
Miguel Rodrigues Mendes  
Nissia,  
Pantaleão de Araujo  
Pero de Abreu  
Pero Fernandes  
Pero Lopes de Veras  
"Pimentinhas"  
Rodrigo Alvares da Fonseca  
Rodrigo de Barros  
Salvador Moreno Caves  
Simão de Carvalho  
Simão Correa  
Simão Rodrigues  
Thomé, padre, frei  
Vitoria de Moura